

CIRO JOSÉ CARDOSO PIMENTA

POLÍTICAS PÚBLICAS APLICADAS AO XADREZ ESCOLAR NO PARANÁ

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura plena em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

PROFESSOR ORIENTADOR: MARCELO MORAES E SILVA

"Que as guerras e as lutas entre as pessoas
fiquem apenas no tabuleiro de xadrez"

Henrique Mecking

AGRADECIMENTOS

A Deus, amigo presente em todas as horas.

A minha Família, pelo amor, apoio e pela confiança.

Ao Professor Orientador, pela amizade e pelo empenho em todas as etapas deste trabalho.

Aos amigos e colegas, pela força e pela motivação sempre relevante nesta jornada.

Aos professores e colegas de curso, pois juntos nos ajudamos a trilhar uma etapa importante de nossas vidas.

A todos que, com boa intenção, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho.

RESUMO

Incentivado por políticas públicas dos governos do Estado do Paraná, o xadrez transformou-se atualmente em uma das atividades mais praticadas no âmbito escolar. Em 1980 foi iniciado um projeto que visava implantar o jogo em todas as escolas do Paraná, sendo o projeto piloto realizado em Curitiba, com apoio da prefeitura da cidade. Nos primeiros anos o projeto xadrez nas escolas popularizou os materiais de xadrez, como peças, tabuleiros e relógios e capacitou professores da rede pública de ensino, mas isto ocorreu lenta e isoladamente, sem o apoio necessário dos órgãos públicos e sem a chancela de uma secretaria para planejar e qualificar sua atuação, o que deixou o projeto “perambulando” entre as burocracias do Estado por mais de quinze anos, até a criação do Centro de Excelência de Xadrez (CEX), no final da década de noventa. Inicialmente o objetivo do CEX era elitista, já que ele preconizava atender predominantemente os talentos descobertos nas escolas, aprimorando-os tecnicamente. Porém o órgão ganhou força e ampliou sua atuação quando vinculou o projeto junto a Secretaria do Estado da Educação (SEED-PR), intensificando suas ações e facilitando o acesso nos últimos seis anos, contudo com objetivos e metodologias quantitativas e com uma ideologia positivista sobre os benefícios da atividade xadrez para o processo pedagógico. Atualmente, a atuação do projeto tem sido ampla, entretanto sem um planejamento ideal e sem um controle de qualidade. Além disto não há a diversificação das atividades, sendo necessário não contemplar apenas o xadrez e sim toda uma gama de jogos e atividades de mesmo teor educativo. Este estudo analisa estes processos, que desde 1980 estabelecem o xadrez no meio escolar e discute os dados referentes a implantação e a utilização do jogo como ferramenta de auxílio pedagógico nas instituições de ensino, além de embasar o xadrez historicamente e discutir suas interações com a formação dos cidadãos e da sociedade paranaense.

Palavras-chave: xadrez escolar, educação, atividades extracurriculares, políticas públicas.

LISTA DE TABELAS

	Quadro comparativo entre as características do xadrez e suas	
Tab. 01	implicações nos aspectos educacionais e de formação de caráter.....	14
Tab. 02	Dados sobre o projeto xadrez escolar entre 1993 e 1996.....	36
Tab. 03	Avaliação do 5 Núcleos Implantados em 1995.....	37
Tab. 04	Avaliação do 7 Núcleos Implantados em 1996.....	37
Tab. 05	Avaliação do 8 Núcleos Implantados em 1997.....	38
Tab. 06	Eventos realizados em 2003 pelo CEX	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Problema.....	1
1.2. Justificativa.....	2
1.3. Objetivos.....	3
1.3.1. Objetivo geral.....	3
1.3.2. Objetivos Específicos.....	3
1.4. Metodologia.....	3
2. CAPÍTULO I: COMPOSIÇÃO E CONCEPÇÃO HISTÓRICA DO XADREZ.....	4
2.1. A Lenda do Xadrez.....	4
2.2. A História do Xadrez.....	5
2.3. O Xadrez Escolar.....	7
2.4. Correlação entre a História do Xadrez e sua Composição enquanto Atividade Lúdica, Esportiva e Social.....	15
3. CAPÍTULO II: POLÍTICAS PÚBLICAS APLICADAS AO XADREZ ESCOLAR NO PARANÁ.....	24
3.1. Conceituando as Políticas Públicas aplicadas ao Esporte, a Educação e ao Lazer.....	24
3.2. Breve Histórico do Período Político e Econômico entre 1980 e 2004.....	25
3.3. A Educação, o Esporte e o Lazer entre 1980 e 2004.....	26
3.4. As Políticas Públicas aplicadas ao Xadrez Escolar no Paraná.....	28
3.5. O Projeto de Xadrez Escolar no Paraná é levado a Nível Nacional.....	42
4. CAPÍTULO III: DISCUTINDO AS POLÍTICAS PÚBLICAS APLICADAS AO XADREZ ESCOLAR NO PARANÁ.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

1. Introdução:

O xadrez desponta atualmente, dentre as atividades alternativas ou extracurriculares aplicadas em âmbito educacional, como um potencial e eventual desenvolvedor de diversas habilidades, sobretudo as cognitivas, nos alunos, sendo que estudos¹ apóiam a implantação deste jogo nas escolas, embasados na tese de que ele desenvolve dentre outras coisas a atenção, o raciocínio lógico, a concentração e a tomada de decisões.

Contudo, para determinar as reais contribuições do xadrez escolar, em um contexto da educação paranaense, há que se analisar as políticas públicas que, até hoje, norteiam e nortearam tal implantação nas escolas do Paraná e a partir destes tópicos discutir como este jogo justifica-se em ferramenta pedagógica e o porquê disto.

O processo do xadrez escolar paranaense teve seus primeiros passos em meados de 1930, com algumas iniciativas isoladas de professores afins ao jogo, sendo, todavia, implantado com maior vigor e determinação, na ótica de um projeto dotado de planejamento e de ações efetivas, apenas a partir do ano de 1980.

Desde então, gradativamente o xadrez popularizou-se no meio escolar paranaense sendo incentivado pelo estado através da capacitação dos professores da rede de ensino pública e da promoção de eventos capacitivos e competitivos como os seminários de xadrez escolar, os circuitos escolares de xadrez e os jogos oficiais do Paraná.

Este estudo baseia-se na análise de ações e fontes referentes às políticas públicas voltadas ao xadrez escolar e na discussão das estratégias utilizadas até o momento, ressaltando que as interações em que o xadrez escolar paranaense esteve envolvido deram-se, sobretudo, nos campos da educação, do esporte e do lazer.

1.1. Problema:

A fim de procurar melhor reconhecer o sentido deste estudo, surgem algumas questões problematizadoras como, por exemplo:

¹ O mestre em educação Wilson da Silva e o professor Augusto Tirado, no livro "Meu Primeiro Livro de Xadrez", referenciam diversos estudos que comprovariam a eficácia do Xadrez nas escolas.

- O xadrez justifica-se como jogo esportivo e como atividade de auxílio pedagógico a ser privilegiada no âmbito escolar?
- As políticas públicas aplicadas ao xadrez escolar no Paraná estão embasadas em um planejamento estratégico de ações e resultados?
- Tais políticas públicas estão coerentes as diretrizes estaduais nas áreas da educação, do esporte e do lazer?
- Em quais destas áreas as políticas públicas aplicadas ao xadrez escolar encontram sua justificativa segundo o planejamento estratégico do estado?
- Os objetivos preconizados pelo estado com o Xadrez escolar estão ou não estão sendo alcançados?

1.2. Justificativa:

Países como a Rússia, a França, a Bélgica e a Holanda² utilizam há anos o xadrez como ferramenta de apoio pedagógico, justificando que o mesmo, além de uma atividade de lazer, é um eficiente desenvolvedor de habilidades cognitivas, ajudando na formação do caráter e no convívio social dos alunos.

No Brasil, a aplicação do xadrez escolar já ocorre há alguns anos, sobretudo nos estados do Paraná, São Paulo e Santa Catarina. No estado do Paraná, desde a década de oitenta, o xadrez está sendo apoiado por políticas públicas oriundas dos âmbitos da educação, do esporte e do lazer, tornando-se uma atividade que com frequência é aplicada e praticada dentro das instituições de ensino do Estado. Deste modo, o xadrez constitui-se como uma realidade que merece uma análise detalhada de suas influências e metodologias. Entretanto vale ressaltar que, o fato de popularizar o xadrez no meio escolar paranaense, sem entender os processos e motivos que levaram a isto, representa uma análise incompleta, pois as inter-relações e planejamentos voltados a este objetivo interferem e têm um fim específico dentro da formação cultural, social e ideológica da sociedade paranaense.

A lógica do mundo moderno, embasado predominantemente no sistema capitalista requer que todas as atividades, entre elas o xadrez, sejam analisadas do

² Conforme posfácio presente na obra "Meu Primeiro Livro de Xadrez".

ponto de vista crítico como bases mantenedoras da ordem vigente, pois possibilitam, principalmente nas atividades educacionais, a capacidade aos indivíduos de adquirir novas habilidades que são quase exclusivamente focadas ao futuro laboral, ao empreendedorismo e a manutenção da produção e do crescimento econômico.

1.3. Objetivos:

1.3.1. Objetivo Geral:

Analisar e discutir as políticas públicas aplicadas ao xadrez escolar no estado do Paraná entre os anos de 1980 e 2004.

1.3.2. Objetivos Específicos:

- Conceituar o jogo de xadrez enquanto atividade lúdica esportiva;
- Demonstrar a composição e concepção do xadrez enquanto atividade voltada ao ambiente educacional paranaense;
- Discutir os dados e as ações referentes ao projeto de xadrez escolar no estado do Paraná.

1.4. Metodologia:

Esta pesquisa monográfica foi desenvolvida através de uma revisão de literatura, utilizando fontes de autores que possuem obras sobre os temas referentes aos conteúdos abordados na monografia, documentos que sejam oriundos de fontes fidedignas e relatos de pessoas relacionadas aos diversos processos de estabelecimento do xadrez escolar no estado do Paraná.

Com este material foi realizado, como procedimento metodológico, a análise, discussão e exposição dos dados coletados, a partir de perguntas, postulados e outras ações investigativas. O método de transposição e exposição dos conteúdos é, a priori, empírico, e as análises e discussões dos dados foram feitas utilizando teorias e abordagens críticas, embasadas em autores como GRAMSCI, ESCOLA DE FRANKFURT e outros autores afins ao tema políticas públicas do esporte, lazer e da educação.

2. Composição e Concepção Histórica do Xadrez:

2.1. A lenda do xadrez:

É considerável admitir que as antigas atividades do homem nos remetem, além do ar de sabedoria e conhecimento, há muito mistério.

Isto se deve, principalmente, a dificuldade que na maioria das vezes se tem em determinar as fontes, realizações e conseqüências destas atividades, e assim é no caso do xadrez, um jogo milenar³, que possui um caminho conturbado e pouco documentado.

Entre as muitas histórias fantásticas que se contam sobre a origem do xadrez, há uma repetida com tanta persistência pelos historiadores que talvez contenha uma parcela de verdade. Atribui a invenção do jogo a Sissa, um brâmane da corte do rajá indiano Balhait (LASKER 1950, p.03).

A lenda de Sissa, como é mundialmente conhecida esta história, nos proporciona diversos focos de análise nos âmbitos científico, filosófico, histórico e psicológico. Este é o motivo dela introduzir o presente estudo, o de demonstrar que o Xadrez extrapola em suas relações, uma atividade que possui um fim específico em si mesma, podendo ser agente de boas e más interações.

Além disto, a Lenda de Sissa é um importante símbolo cultural do jogo de xadrez.

Sua história conta que:

[...] certa vez um sultão que vivia extremamente aborrecido ordenou que se organizasse um concurso, em que seus súditos apresentariam inventos para tentar distraí-lo. O vencedor do concurso poderia fazer qualquer pedido ao sultão, certo de que seria atendido. Estava de passagem pelo reino um sábio de nome Sissa. Apresentou este ao sultão um jogo maravilhoso que acabara de inventar: o Xadrez. Entusiasmado com o jogo, o sultão ofereceu ao sábio a escolha de sua própria recompensa. - Que teus servos ponham um grão de trigo na primeira casa – disse Sissa – dois na segunda, quatro na terceira, oito na quarta, e assim sucessivamente, dobrando sempre o número de grãos de trigo até a sexagésima quarta casa do tabuleiro. O sultão concordou com o pedido, pensando que alguns sacos de trigo bastavam para o pagamento. Sua alegria, porém, durou somente até que seus matemáticos trouxeram os resultados de seus cálculos. O numero de grãos de trigo era praticamente impronunciável. Para compensar Sissa seriam necessários exatamente 18.446.744.073.709.551.615 grãos de trigo. Observando a produção de trigo da época, seriam precisos 61.00 anos para o pagamento de Sissa! Incapaz de recompensar o sábio, o sultão nomeou Sissa Primeiro-ministro, retirando-se em seguida para meditar, pois o Xadrez ensinava a substituir o aborrecimento pela meditação. (TIRADO, 1995, p.15).

³ Surgiu provavelmente na Índia entre os séculos VI e VII da era cristã.

O número de grãos de trigo obtido é um dos chamados números monstruosos, e para obtê-lo seria necessário semear seis vezes a superfície da terra. Se uma pessoa contasse de um até este número, gastando um segundo por número, levaria mais de duzentos séculos para chegar até ele (BECKER, 1978, p.178).

Há mil anos, quando esta história foi contada pela primeira vez, o povo aparentemente considerava coisa natural um rei não tentar resolver por si um problema sério, mas pedir solução a um cientista. O incrível é perceber que esta é uma constatação que ainda hoje vemos não ser praticada por muitos de nossos governantes! (LASKER 1950, p.03).

Nesta lenda fica claro o fato de o xadrez poder contribuir estreitamente com outras áreas do conhecimento, como a Matemática, a literatura, a história, a geografia, etc.

Isto demonstra que as atribuições e utilizações do jogo são diversas, podendo ser benéficas quando, por exemplo, como afirma SILVA (2002 p.22), “ensina as crianças o mais importante na solução de um problema, que é saber olhar e entender a realidade que se apresenta”, ou maléficos, quando, por exemplo, como afirma ADORNO (1996) constitui uma “formação cultural que se converte em uma semiformação⁴ socializada” (apud TABORDA DE OLIVEIRA 2002, p.13).

Porém estas interações, boas e más, são resultado de um mecanismo maior estabelecido pela lógica da sociedade moderna, que é capitalista, sendo que ao xadrez coube o papel de adaptar-se a esta nova realidade, pois como jogo milenar historicamente ele esteve envolvido em diferentes processos da própria humanidade e nem sempre teve o mesmo papel cultural de agora.

2.2. A história do xadrez:

A história do xadrez é embasada em estudos de fontes antigas, correlacionadas a relatos e deduções acerca de diversos componentes da história e da cultura dos povos do passado, o que dissemina um ar de misticismo e desconfiança para este processo.

⁴ Modelo cultural incapaz de levar a cabo a plena formação humana com todo seu potencial emancipador.

Três etapas distintas caracterizam a evolução do jogo de xadrez: a primeira refere-se aos séculos iniciais, nos quais o jogo começou a se diferenciar dos jogos de azar de tabuleiro e onde surgiu uma complicada regulamentação própria com uma pretenciosa estratégia. A segunda etapa ocorre na Europa, com o desenvolvimento de uma literatura específica ao xadrez que leva a sua popularização, tornando-o produto de entretenimento e estudo muito solicitado e, por fim, a terceira etapa, refere-se aos grandes torneios de xadrez, que ocorre a partir do Torneio Internacional de 1851 em Londres, marcando a era dos grandes mestres e que determina ainda o nosso presente (SILVA, 2003, p.11).

Quanto à versão completa da história do xadrez, segundo Murray (1913):

[...] aproximadamente em 570 DC, na Índia, surge o chaturanga, que significa jogo dos quatro elementos. Jogavam-no quatro pessoas, sendo que cada qual possuía oito peças: um ministro, hoje dama, um cavalo, um elefante, hoje bispo, um navio, mais tarde uma carruagem, hoje a torre, e quatro soldados, atualmente os peões. O tabuleiro era monocromático, e as peças dos quatro jogadores diferenciavam-se pelas cores vermelha, verde, negra e amarela. A peça a ser movimentada era definida por um lance de dados, o que fazia do chaturanga um jogo de azar. Todavia este jogo indiano teve três evoluções: em um primeiro momento, eliminaram-se os dados; posteriormente, os jogadores em diagonal uniram-se se tornando aliados e, mais tarde, os aliados passaram para o mesmo lado do tabuleiro. Através de rotas comerciais e culturais o chaturanga foi exportado para a China tornando-se lá o jogo do elefante e posteriormente o jogo do general no Japão e na Coreia. Na Pérsia ele passou a ser chamado de jogo de Xadrez, em persa chatrang, e gozou de imensa popularidade. Foi nesta época que o número de parceiros reduziu-se a dois e criou-se uma nova peça; o Xã (Rei). Com a Pérsia sendo conquistada pelos árabes, por volta de 651 DC, estes adotaram e difundiram o jogo pela África e pela Europa. No século XI, o Xadrez já é conhecido em toda a Europa e sofre a seguinte modificação: o Ministro torna-se Rainha (Dama). No século XIII as casas do tabuleiro passaram a ser divididas em duas cores para facilitar a visualização dos enxadristas. Por volta de 1561 o padre espanhol Ruy Lopez de Segura idealizou a criação do roque, movimento que seria aceito na Inglaterra, França e Alemanha somente 70 anos depois. O movimento em passant já era usado em 1560 por Ruy Lopez, embora não se conheça seu criador. O duplo avanço do peão em sua primeira jogada surgiu em 1283, em um manuscrito europeu. Mas a principal alteração que sofreria o Xadrez aconteceu aproximadamente em 1485, na renascença italiana, surgindo o chamado Xadrez da "Rainha Enlouquecida", pois até esta época a dama só podia deslocar-se uma casa por vez pelas diagonais, os bispos, que se moviam em diagonal de duas casas, passam a ter, também, movimentos mais longos. Os peões que chegavam à última fila começaram a ser promovidos a uma peça já capturada. São escritos vários livros importantes que contribuem para uma compreensão cada vez mais profunda do Xadrez. Dentre estes livros famosos estão: Livro de la Invención liberal y arte del juego del ajedrez, escrito por Ruy Lopez em 1561 e traduzido para quase todos os idiomas; Trattado del nobilissimo e militare esercizio de scacchi, escrito por Gioachino Greco; Le noble jeu des échecs, escrito pelo sírio Felipe Stamma em 1737; L'Analyse du jeu des échecs escrito em 1749 pelo francês François Philidor. Neste livro Philidor propõe um dos primeiros regulamentos enxadrísticos, contendo o roque, o en passant, a promoção ilimitada, além da regra "peça tocada, peça jogada; peça largada, lance efetuado". Em 1851 abre-se a era moderna do Xadrez com o primeiro torneio internacional durante a Primeira Exposição Universal de Londres, que foi vencido pelo alemão Adolf Anderssen. Anderssen teve inúmeros sucessores, mas os que mais se destacaram foram o pai do Xadrez moderno, Wilhelm Steinitz (1836-1900) e seu sucessor, Emanuel Lasker (1868-1941). Steinitz é tido como um Aristóteles do Xadrez. Seus planos são novos, baseado no acúmulo de pequenas vantagens que o adversário cede, e que se consideradas separadamente, nada representam, mas acumuladas podem construir uma vantagem decisiva. O mérito de Steinitz está em perceber que a teoria de uma partida de Xadrez gira

em torno de um delicado equilíbrio de forças. Para conseguir vantagem em um desses elementos, tempo, espaço e matéria, deve-se ceder algum outro tipo de vantagem de igual ou aproximado valor. Em outras palavras, nada se obtém grátis em uma partida bem equilibrada de Xadrez. Steinitz foi campeão mundial por 28 anos, de 1866 a 1894. Já Emanuel Lasker, que derrotou Steinitz, é considerado uma das maiores personalidades da história do Xadrez. Doutor em filosofia e matemático, via o Xadrez como uma constante luta de duas vontades. Como teórico procurou desvendar os princípios fundamentais que regem a conduta da partida de Xadrez. Seu estilo consiste em desequilibrar a posição, nem sempre realizando as melhores jogadas, mas sim os lances mais desagradáveis para cada adversário. A este estilo criado por Lasker, dá-se o nome de "Escola Psicológica". Após ser Campeão Mundial por 27 anos, de 1894 a 1921, Lasker perde o título para o cubano José Raul Capablanca. Daí por diante a evolução das idéias no xadrez é mais bem conhecida [...] Todavia duas alterações importantes no panorama enxadrístico internacional merecem ainda menção: Em 1924, é fundada em Paris a Federation International des Échecs, a FIDE, que hoje é a segunda maior federação esportiva do mundo em número de países filiados e, em dezembro de 1986, a FIDE e a UNESCO criam a Comissão For Chess In Schools, que tem um importante papel na difusão do ensino e na democratização do Xadrez enquanto instrumento pedagógico utilizado nas escolas (apud SILVA, 2003, p.11-14).

Fica evidente neste relato que o jogo de Xadrez sofreu grandes transformações durante sua história. Desde o antigo chaturanga, o jogo dos quatro elementos, até o atual jogo de Xadrez, da era dos supercomputadores, passaram-se cerca de 1500 anos de história. Porém a competitividade e o reconhecimento desta atividade como lúdica continuam.

O fato histórico mais importante para o xadrez, destes últimos anos tem sido a sua popularização em massa, em diferentes países do mundo, através da implantação do Xadrez escolar, incentivado pela FIDE.

2.3. O xadrez escolar:

"A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Constituição brasileira, artigo 205. (LDB 9394/96)

As constantes transformações sócio-culturais, que ocorrem pelo mundo, influenciam diretamente o cotidiano educacional brasileiro, sobretudo no que diz respeito às ações e às estruturas curriculares presentes no mesmo.

Novas atividades e novas formas de pensar surgem, portanto, como alternativas de apoio e trabalho aos objetivos da nova idéia de educação. Sobre esta tendência, afirma Gelpi (1990):

A escola, a universidade, assim como as estruturas de educação de adultos, podem participar de novo, de uma maneira significativa, nos processos educativos da sociedade contemporânea, transformando-se em centros de formação metodológica de

pensamento, de sensibilidade estética, de estimulação de auto-aprendizagem e também em espaços de experiências e de atividades manuais e intelectuais que não sejam atividades exclusivamente de formação profissional (apud MOLINA, 2001 p.77).

Mesmo considerando os jogos como atividades de alta participação na formação profissional, é conveniente indicá-los como uma destas novas formas de agir, manuais e intelectuais, que visam complementar o papel da escola, uma vez sendo esta instituição responsável pelo complexo ato de educar. Segundo SILVA (2002, p.20), “devemos entender o jogo como uma atividade que obedece ao impulso mais profundo e básico da essência animal”, e, por hora, consideramos o homem como animal. Além disto, fica claro o fato de os próprios jogos serem do escopo da escola, já que em diferentes de suas disciplinas, como historicamente se atribui sua contemplação na Educação Física interage como instrumento didático para a promoção de diversos conteúdos. Assim sendo, o jogo é algo indispensável e importante, quando pensamos em educação de qualidade.

O ato de educar necessita possibilitar aos jovens novas formas de acesso e democratizar os espaços culturais, criando uma relação de compromisso entre o indivíduo e a escola é, também, outra ação eficaz na luta pela qualidade de ensino. Porém tal qualidade é bastante subjetiva quando procuramos conceber o real papel da escola. Olhando superficialmente ela deveria simplesmente incentivar, controlar e possibilitar o acesso irrestrito à cultura da sociedade na qual está inserida, mas isto seria ineficaz sem criar condições de contraponto e discussão voltadas à lógica da sociedade, que neste momento configura-se pela lógica do capitalismo neoliberal. Neste sentido afirma Silva (2002, p.23):

Em uma época na qual os conhecimentos nos ultrapassam em quantidade e a vida é efêmera, uma das melhores lições que a criança pode obter na escola é como organizar seu pensamento [...] esta valiosa lição pode ser obtida mediante o estudo e a prática do xadrez.

Assim ressalto que o grau de minha concordância com esta citação se dá parcialmente, já que considero não só o xadrez como instrumento desta lição, sendo ele utilizado como produto de afirmação do binômio entre trabalho e consumo na ótica do capital; portanto tomarei por base aqui o estudo das inter-relações educacionais deste jogo, já que é ele o alvo de minha pesquisa.

O xadrez escolar foi primeiramente implantado nas escolas da antiga União Soviética, quando a mesma:

[...] introduziu a educação universal, e os livros de xadrez passaram a fazer parte da literatura acessível a todos, o jogo logo alcançou a posição de um esporte nacional. O governo russo apóia ativamente o xadrez, da mesma forma que os esportes físicos.

Considera o xadrez um excelente treinamento mental. É possível que essa atitude tenha sido em parte inspirada pelo grande amor de Lênin ao xadrez [...] o número de aficionados ao xadrez existente hoje na Rússia é estonteante. A Federação Russa de xadrez tem vários milhões de membros, que participam ativamente de torneios [...] O viveiro dessa enorme atividade enxadrística pode, naturalmente, ser encontrado nas escolas. O jogo é ensinado nas escolas russas a todas as crianças que tirem boas notas nas matérias do ensino geral (Lasker, 1950 p.45).

Na FIDE⁵, a idéia do xadrez nas escolas começou quando na formação da Comissão de Xadrez para Jovens, que tinha como missão seleccionar os jovens de promessa que já jogavam xadrez e afiná-los tecnicamente. A Comissão de Xadrez para Jovens não buscava enxadristas novos, somente mantinham-se jogadores já conhecidos e tecnicamente viáveis (SILVA, 2002 p.27).

O grupo seletivo pelo trabalho da Comissão de Xadrez para jovens da FIDE, ficou sendo conhecido por ser dotado de alto grau de inteligência, alta capacidade de concentração e situação econômica privilegiada. (SILVA, 2002, p.27)

Apesar desta ação ser elitista, foi a partir dela que se verificou a necessidade de uma repopularização⁶ do xadrez, uma vez que a FIDE tinha interesses diretos no aumento do número de praticantes do xadrez por todo o mundo, e não apenas em países isolados, que já tinham um projeto de xadrez escolar, como a antiga União Soviética e outros países europeus.

Ao contrário da comissão de Xadrez para jovens, em 1968, Nicola Palladino, iniciou um trabalho de xadrez em escolas da cidade de Milão, na Itália. Ele passou a ensinar xadrez para crianças leigas. Na luta para inserir o xadrez como disciplina optativa no ensino fundamental, Palladino iniciou cursos de xadrez com duração de três anos, nos quais um diploma certificava a qualificação do aluno. Na época ele era o presidente da Sociedade Enxadrística Milanese e esta sua experiência fez com que lutasse para que a FIDE fundasse a Comissão de Xadrez nas Escolas, o que ocorreu em 1986 (SILVA, 2002 p.27).

Porém, a partir disto, segundo Tibucheski (2003, p.16), “a imagem que o xadrez só poderia ser jogado por seres muito especiais, pessoas dotadas de um pensamento abstrato muito elevado, colaborou para que o mito afastasse o homem comum de uma atividade recreativa e esportiva como o xadrez”.

Com a finalidade de mudar a concepção errada do xadrez em certos setores da sociedade, a Comissão de Xadrez Escolar da FIDE buscou inserir o ensino do

⁵ Federação Internacional de Xadrez.

xadrez nas escolas de todo o mundo a fim de generalizar as possíveis virtudes do Xadrez, realizando uma distribuição horizontal, procurando com isso melhorar a compreensão acerca do jogo e diversificando o acervo cultural enxadrístico. Isto implicava originar facilidade de acesso nos distintos sistemas educacionais do mundo, permitindo promover aos jovens cidadãos a consciência do estudo e a prática sistemática do Xadrez. (TIBUCHESKI, 2003 p.17).

Agindo deste modo, a Comissão de Xadrez nas Escolas da FIDE, acreditava que era de fundamental importância o envolvimento das organizações enxadrísticas como atores fundamentais nesse processo. Sendo necessário que todos participassem através de uma estrutura organizada na qual pudessem manifestar suas opiniões e interesses e assim desenvolver e massificar o xadrez em escolas atendendo distintamente crianças e de todo o mundo (TIBUCHESKI, 2003 p.17).

Posto isto, vale salientar que também em países como a França e a Holanda o xadrez faz parte do cotidiano escolar como atividade extracurricular. Após sua implantação, percebeu-se um elevado nível de alunos com melhora no coeficiente escolar e uma queda no nível de atendimentos a alunos com dificuldades de concentração. (SILVA, 2002, p. 14).

É racional, por conseguinte que, ao defender o xadrez no ambiente educacional, o autor exponha as características e implicações educativas do jogo (ver Tabela 1), já que há de se justificar a presença desta ou daquela atividade como ferramenta de apoio pedagógico, pois são muitas as possibilidades criadas pelo imaginário do homem.

Afirma Silva (2002, p.24), que o ensino e a prática do xadrez têm relevante importância pedagógica, na medida que tal procedimento implica, entre outros, no exercício da sociabilidade, do raciocínio analítico e sintético, da memória, da autoconfiança e da organização metódica e estratégica do estudo. O jogador de xadrez, constantemente exposto a situações em que precisa efetivamente olhar, avaliar e entender a realidade, pode mais facilmente aprender a planejar adequada e equilibradamente, a aceitar pontos de vista diversos, a discutir questionários e compreender limites e valores estabelecidos e a vivenciar a riqueza das experiências de flexibilidade e reversibilidade de pensamentos e posturas.

⁶ Utilizo este termo pois o Xadrez foi bastante popular na idade média, na União Soviética durante os regimes socialistas e durante a guerra fria.

Entretanto, há que se considerar os motivos que elegem o xadrez como atividade contemplada nas escolas. Nos lugares onde este jogo é foco de projetos educacionais, as justificativas estão embasadas muito mais no senso comum, na idéia de que o xadrez é algo altamente complexo, que exige raciocínio, alta lucidez, tomada de decisões, concentração, etc, do que em constatações e estudo em campo que reflitam a real contribuição deste jogo para a educação, se bem que estes estudos existem.

Outros jogos de igual teor intelectual e lúdico, como as damas, o gamão, a trilha e os demais jogos de salão, produzem a princípio os mesmos efeitos cognitivos que o xadrez, entretanto este último leva vantagem, pois historicamente foi conduzido de forma mais estruturada, negociando sua prática através de federações, clubes e academias que promovem um capital de giro para o jogo, tanto humano, quanto social e financeiro.

Portanto uma vez que o xadrez escolar já é uma realidade, cabe-nos estudá-lo. Porém enfatizando que os processos que o estabeleceram na escola são os mesmos para as outras atividades extracurriculares mais freqüentes no meio escolar.

A nova idéia de educação requer que as instituições de ensino tenham uma maior responsabilidade extraclasse com seus alunos e funcionários, oferecendo serviços que vão além do proposto nos defasados currículos institucionais. Entretanto este fato de a escola oferecer escolinhas de judô, xadrez, futsal, artes, voleibol, informática, dança, etc, não minimiza os efeitos do pensamento neoliberal, caracterizado pelo enxugamento dos benefícios e restrição dos acessos às atividades culturais ocorridos nas últimas décadas, por três motivos: primeiro, pois nas escolas onde isto acontece as atividades extracurriculares são cobradas a parte, o que descaracteriza o livre acesso à mesma; segundo, porque nas instituições públicas, quando existem, as escolinhas têm grande dificuldade operacional, baixa qualidade ou utilizam o tempo das aulas de Educação Física e, terceiro, o simples fato de oferecer ao aluno uma imensa gama de atividades extra-curriculares já é ma efeito do próprio neoliberalismo, uma vez que neste novo sistema a família já não é uma instituição tão forte, tendo os pais que trabalhar o dia inteiro, confiando a escola a educação predominante de seus filhos.

Quanto a Educação física, é uma disciplina que ao meu ver já possui pouco espaço e tempo para trabalhar seu conteúdo principal que é a socialização, o

conhecimento e esclarecimento do corpo e dos fatores que afetam a melhoria da qualidade de vida. Sobre isto afirma Bracht:

[...] a educação física seria responsável por introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal e movimento de maneira que eles possam agir de forma autônoma e crítica. E isso é importante também porque nessa esfera ocorre crescentemente o controle social via construção das subjetividades, de práticas, conforme os valores básicos dessa ordem social (apud RINALDI, 2003, p.159).

As escolinhas de xadrez não são diferentes desta ótica, pois nelas temos algumas destas estruturas conhecidas, sendo que:

- a) O professor de xadrez oferece a atividade no contra-turno, recebendo uma quantia diretamente dos alunos ou um valor hora/aula pago pela escola;
- b) O professor de xadrez oferece a atividade no turno como aula complementar ou especial de alguma disciplina, como a Educação Física e a Matemática e recebe uma quantia hora/aula do colégio;
- c) A atividade de xadrez é desenvolvida como conteúdo da disciplina de Educação Física ou Matemática, sujeita a um cronograma geral estabelecido pelo professor;
- d) A atividade de xadrez é desenvolvida no contra-turno, incentivada por projetos de empresas ou no caso público, das secretarias afins do próprio Estado.

Destas estruturas resultam ainda alguns fatores importantes, relacionados aos professores das escolinhas de xadrez e que se referem ao vínculo empregatício dos docentes junto às escolas, a formação superior dos docentes em áreas correlatas com a educação e ao nível de conhecimento e didática dos professores quanto ao conteúdo do xadrez escolar.

Desta complexa cadeia de relações entre professores de xadrez e instituições de ensino surgem algumas considerações importantes:

a) Em geral, o professor de xadrez não possui um vínculo direto com a escola, sendo sua atividade terceirizada, todavia isto ocorre com maior e quase exclusiva frequência na rede particular de ensino, o que geralmente cria uma falta de compromisso didático e profissional uma vez que o professor não tem a visão do todo;

b) Na rede pública de ensino, o xadrez é desenvolvido, em geral, por professores de Educação Física ou Matemática durante as aulas destas disciplinas

ou ainda no contra-turno, quando há projetos que incentivem esta prática, como o vale-saber⁷ do governo do Paraná;

c) Existem basicamente dois tipos de professores de xadrez: os leigos e os experts no jogo em si. Em geral os experts não possuem uma formação superior nas áreas da escola, são ex-jogadores ou grandes amantes do jogo e atuam nas escolas particulares para complementar a renda, sendo os leigos, em geral, formados em pedagogia, Educação Física ou Matemática, atuando na rede pública de ensino e utilizando o Xadrez como atividade complementar;

Desta última situação desdém ainda a didática e o aproveitamento das aulas. Os experts têm a favor o fato de conhecerem bem o jogo e possuírem mais informações para ensinar o Xadrez, todavia, em geral, não têm noções sobre didática e planejamento, componentes básicos de qualquer processo de ensino-aprendizado, ao passo que os leigos, por terem formação superior e por estarem constantemente embutidos na escola, têm grande consciência pedagógica sobre a importância da didática e do planejamento, todavia sofrem pelo desconhecimento de noções do jogo de Xadrez que somente um jogador experimentado pode ter.

Para compreender a natureza do ensino, é absolutamente necessário levar em conta a subjetividade dos atores em atividade, isto é, a subjetividade dos próprios professores. Ora, um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta (TARDIF apud CALDEIRA, 2001, p.94)

A partir disto posso esclarecer que já vivi e observei os dois lados da moeda no ambiente escolar. Há cerca de quatro anos, ainda sem minha formação superior em Educação Física, iniciei algumas escolinhas de xadrez em colégios particulares. Não possuía muitas noções de didática, nem de planejamento, mas era esforçado em procurar melhorar minha prática pedagógica, mesmo sem ter muita idéia do que isto significava. Com o tempo, e com o passar da minha formação superior, aprendi diversos fatores que muito me ajudaram nas escolas nas quais dou aula. Posso garantir que hoje tenho muitos mais instrumentos didáticos para mediar o processo

⁷ O vale-saber é um programa da rede estadual de ensino pelo qual os professores montam projetos para oferecer atividades aos alunos no contra-turno das aulas.

de ensino aprendido do que antigamente. E isto toma uma importância ímpar, na medida que posso afirmar que a capacidade do professor de xadrez conduzir seus alunos, planejar e mediar suas aulas pode até de certa forma compensar sua pouca noção sobre o conteúdo específico. Se bem que o bom professor buscará minimizar isto através de uma qualificação.

Tabela 1 – Quadro comparativo entre as características do Xadrez e suas implicações nos aspectos educacionais e de formação de caráter.

Características do Xadrez	Implicações nos aspectos educacionais e de formação de caráter
Fica-se concentrado e imóvel na cadeira.	O desenvolvimento do autocontrole psicofísico.
Fornecer um número de movimentos num determinado tempo.	Avaliação da estrutura do problema e a distribuição do tempo disponível.
Movimentar peças após exaustiva análise de lances.	Desenvolvimento da capacidade de pensar com abrangência e profundidade.
Após encontrar um lance, procurar outro melhor.	Tenacidade e empenho no progresso contínuo.
Partindo de uma posição a princípio igual, direcionar para uma conclusão brilhante (combinação).	Criatividade e imaginação.
O resultado indica quem tinha o melhor plano.	Respeito à opinião do interlocutor.
Dentre as várias possibilidades, escolher uma única, sem ajuda externa.	Estímulo à tomada de decisões com autonomia.
Um movimento deve ser consequência lógica do anterior e deve apresentar o seguinte.	Exercício do pensamento lógico, autoconsistência e fluidez de raciocínio.

FONTE: APOSTILA DE SEMINÁRIO EM XADREZ BÁSICO – CENTRO DE EXCELÊNCIA DE XADREZ – (SILVA, 2002, p.19)

O quadro acima citado fornece alguns argumentos que reforçam a idéia da presença do Xadrez como ferramenta pedagógica.

Analisando suas interações podemos perceber que as comparações são pertinentes, na medida que seria leviano negar as implicações positivas do jogo sobre a “performance” escolar do indivíduo, ainda mais na atual conjuntura da sociedade brasileira, a qual, ao meu ver, parece não saber se portar democraticamente, pois em nosso país democracia é sinônimo de liberdade plena, ou seja, cada um faz o que quer sem medir as consequências. A realidade é que democracia é o cidadão e a cidadã conhecerem seus direitos e, sobretudo seus deveres e, vejo que utilizando o quadro acima o xadrez pode contribuir nesta tarefa,

pois em geral preconiza respeito, calma e paciência, além de ensinar a pensar não apenas nas ações, mas também nas suas diretas e indiretas conseqüências.

Entretanto novamente ressalto que o papel de contribuir em muitas valências afetivas e cognitivas dos alunos não cabe nem deveria caber somente ao Xadrez. Conforme o quadro, criatividade e imaginação são, por exemplo, valências de extrema necessidade para qualquer indivíduo, sendo eles estimulados poucas vezes na prática pedagógica de nossos currículos escolares das séries fundamentais e do ensino médio, que privilegiam o conhecimento empírico, pois já têm um pacote de conteúdos necessários para cada série. Um aluno pode até ser pouco criativo e imaginativo, mas passará de ano obtendo parcial sucesso nos conteúdos abordados em sala de aula. Neste sentido, segundo Gramsci (1968, p.124):

O estudo e o aprendizado dos métodos criativos na ciência e na vida devem começar nesta ultima fase da escola, e não deve ser mais um monopólio da universidade ou ser deixado ao acaso da vida prática: esta fase escolar já deve contribuir para desenvolver o elemento da responsabilidade autônoma nos indivíduos, deve ser uma escola criadora. Deve-se distinguir escola criadora e escola ativa [...] Toda escola unitária é escola ativa, se bem que seja necessário limitar as ideologias libertárias neste campo e reivindicar, com certa energia, o dever das gerações adultas, isto é, do Estado, de “formar as novas gerações”.

Neste ponto Gramsci acena novamente para outro importante ponto do Xadrez escolar: ele pode sim contribuir e muito na formação crítica dos alunos, porém só está hoje na escola pois sua maior contribuição é hierárquica, ou seja, ele ajuda a estabelecer através do lúdico, relações de posse e poder, através da força das peças, da força das jogadas e dos jogadores.

É o ideal de formar cidadãos aptos ao mundo do trabalho e da produção e para a manutenção da ordem social.

2.4. Correlação entre a história do xadrez e sua composição enquanto atividade lúdica, esportiva e social:

O xadrez representa hoje um jogo milenar, que sofreu várias alterações ao longo de sua história e esteve relacionado a diversos segmentos importantes da história da humanidade.

Nos últimos anos, muitos questionamentos acerca da legitimidade deste jogo enquanto esporte e enquanto ferramenta educacional foram feitos. Em cada área as dúvidas residem no fato de que se procura enquadrar o xadrez nesta ou naquela categoria para, a partir disto, conceituá-lo e entendê-lo melhor perante os próprios significados da natureza do jogo. Contudo podemos afirmar que, indícios nos levam

a crer que além de esporte, o xadrez também se constitui como ferramenta pedagógica. Não há como redimir suas conceituações a uma única categoria. O xadrez é uma atividade dinâmica, ou seja, pode ser utilizada de diversos modos e meios. Procurando entender melhor o porquê disto inicio uma análise sobre as origens do xadrez e sobre seu contexto histórico.

A sociedade é um ambiente muito incerto, pois cada indivíduo que a compõe possui uma diferente forma de pensar e de agir. Entretanto os homens dividem-se por classes de afinidades e de poder de acordo com seus anseios e atitudes. Uma destas classes é a dos enxadristas, ou melhor, definindo, a dos jogadores de xadrez.

Definir o xadrez é, sem dúvida, um ato complexo, pois o esporte aborda diversas áreas da expressão humana. Muito famosa e oportuna foi a colocação do famoso poeta, romancista e cientista alemão GOETHE (1786), "O xadrez é a ginástica da inteligência", entretanto MELÃO JÚNIOR⁸ (1998) refere-se ao xadrez de forma mais ampla e poética, definindo-o como:

O xadrez não passa de um punhado de tocos de pau, dispostos sobre uma tábua quadriculada, situada entre duas criaturas incompreensivelmente absortas, que, dominadas por uma espécie de autismo, desperdiçam inutilmente seu tempo, olhando para este brinquedo sem graça, enquanto o mundo ao seu redor pode desmoronar sem que se apercebam disso. Esta é a interpretação do homem vulgar, insensível e apático; incapaz de enxergar as essências, homem que se conforma com uma visão superficial das coisas e se deixa seduzir pelas aparências de outras atividades menos belas e eloqüentes. Para o homem mediano, o xadrez é um mero acessório, útil tão somente porque contribui para desenvolver diferentes faculdades mentais, melhorando o desempenho escolar nas crianças, intensificando a acuidade mental nos adultos e preservando por mais tempo a agilidade mental nos idosos. Porém, para o homem espirituoso, criativo e empreendedor, o Xadrez é uma das mais ricas fontes de prazer, um meio no qual se encontram elementos para representar as mais admiráveis concepções artísticas, um campo pelo qual a imaginação pode voar livremente, produzindo, com encantadora beleza, idéias deliciosamente sutis e originais. O Xadrez é uma das raras e preciosas atividades em que o homem pode explorar ao fundo suas emoções, atingindo estados de prazer tão sublimes, tão ternos, tão intensos, que só podem ser igualados pelas sensações proporcionadas pelo amor e pela música.

Embora aparente a caracterização de que o jogo de xadrez seja primariamente a representação de uma luta entre dois exércitos, o que caracteriza uma guerra e, portanto, um dos atos da vida humana, apenas Emanuel Lasker, em 1907, se preocupou em escrever o ensaio intitulado "Der Kampf" (A luta) no qual buscou manter como foco de análise a filosofia e o jogo de xadrez.

⁸ Este autor destaca-se a nível nacional pela sua acuidade enxadrística. É o recordista brasileiro em partidas as cegas, sem ver o tabuleiro, contra vários adversários ao mesmo tempo.

Para uma análise interativa do jogo de xadrez muitos são os pontos possíveis de uma avaliação, sendo que a busca por um ponto comum nos levou à constatação de diversos outros temas igualmente relacionados ao Xadrez e à filosofia, como por exemplo:

1. O aperfeiçoamento técnico e a busca da perfeição;
2. O comportamento agressivo e a fuga da realidade;
3. A exteriorização da personalidade e o estilo de jogo;
4. A vivência da vitória e da derrota com a maturação psicológica e com a experiência;
5. Os limites e desafios com a busca do prazer e da excitação;
6. As peças e suas categorias com as lutas de classes;
7. A especificidade do Xadrez com as múltiplas inteligências, com a cultura e com a natureza;
8. Os pontos fracos e as peças sobrecarregadas com as classes sociais e com os formadores de opinião;
9. As ciladas e armadilhas com a globalização;
10. A mercantilização do Xadrez com a lógica capitalista;
11. Os mitos e grandes jogadores com a criação e com a destruição de ídolos;
12. O Xadrez por computadores com a superação do homem e com a inteligência artificial;
13. As organizações políticas do xadrez e as lutas pelo poder;
14. O cálculo de variantes com as projeções do pensamento e da consciência.

Segundo Cotrim (2002, p.83), o escritor francês Charles Baudelaire dizia que "a imaginação é a faculdade filosófica por excelência". No xadrez, a imaginação é indispensável para criar variantes e combinações. A antecipação imaginativa é o que conduz ao descobrimento e à invenção; é o agente principal na formulação de planos estratégicos. Segundo Emanuel Kant, "a filosofia deve iluminar e dirigir o gênero humano em seu devido progresso até a felicidade universal". O mestre enxadrista Segbert Tarrasch dizia: "O xadrez, como o amor, como a música, tem o poder de fazer os homens felizes". Ludwig Wittgenstein disse: "Também poderia chamar-se filosofia ao que é possível, ao que está latente, antes de todos os descobrimentos e invenções". Um dos maiores atrativos do xadrez reside na expectativa de descobrir e inventar jogadas nunca antes vistas. Como a filosofia, o xadrez é uma busca do invisível.

O homem é um ser milenar e sua vida está ancorada nas condições estruturais que ele próprio constrói. Tais condições estão em constante mudança, mesmo por que o homem busca com ensejo o progresso das suas condições de vida. Todavia, nem sempre o progresso que tanto busca o homem significa evolução. Muitos são os pontos de vista para as ações que supostamente proporcionam ao homem seu progresso, assim, muitas vezes o que se tem por evolução pode ser exatamente o contrário. Basicamente, a vontade da maioria das pessoas é a de se tornar um ser o mais próximo do perfeito.

Esta busca pela perfeição, entretanto, é impregnada de ações incoerentes quanto a seu fim. Muitas pessoas esquecem-se dos seus limites e são invadidas por um sentimento de arrogância, isto quando não fracassam, pois neste caso a submissão é o sentimento presente. De fato, a perfeição é algo utópico para o homem. Por mais conhecimento que uma pessoa possua, o agir sem erros dependerá não só dos desejos potenciais de um único indivíduo, e sim das ambições de um determinado grupo. Assim, não existirá ação perfeita na medida que a sociedade é composta por diversos indivíduos que possuem diferentes interesses e se alocam em diferentes grupos, cada qual com formas diferenciadas de entender a sociedade. Outro aspecto que podemos aliar a filosofia ao xadrez é quanto à fuga da realidade. Durante uma partida alguns jogadores simplesmente desligam-se do mundo externo e agem como se sua vida se resumisse apenas ao jogo de xadrez propriamente dito. Neste momento, percebemos dois focos de análise para exposição e discussão. O primeiro refere-se ao comportamento agressivo que alguns jogadores apresentam quando abduzidos pela dinâmica do jogo. Isto ocorre necessariamente quando o enfoque dado ao jogo é a busca do resultado, ou seja, os aspectos cooperativos, artísticos e estéticos dão lugar à lógica capitalista da busca do lucro e do resultado. Deste modo, o indivíduo realiza a negação da entidade humana como fonte precursora da sobrevivência, o que explica a violência, pois alienado pela ideologia da vitória e nada mais que a vitória, o indivíduo defenderá seus interesses das maneiras cabíveis, sendo a violência a mais primitiva delas.

O segundo foco refere-se à alienação que o próprio jogo introduz ao indivíduo. Neste caso pode ou não haver comportamento agressivo, sendo que na verdade o que determina a alienação é a hipnose que o jogo proporciona ao seu praticante. Segundo Hegel, alienação é o processo pelo qual os indivíduos colocam

as suas potencialidades nos objetos por eles criados (apud COTRIM, 2003, p.89). No caso do xadrez o que ocorre é o ato da transferência dos fatores estruturados da vida cidadã, entendendo tais fatores como os compromissos, as responsabilidades, os problemas e as decisões do indivíduo, para o ambiente do jogo. Desta maneira, durante a partida, não importa mais, por exemplo, as contas a pagar ou os problemas de saúde de alguém da família do jogador, e sim onde mover esta ou aquela peça a fim de se iniciar um ataque.

Seguindo a linha de análises entre xadrez e filosofia percebemos que o estilo de jogo é diretamente influenciado pela personalidade do indivíduo. Um jogador que se apresenta como uma pessoa extrovertida, mostrará um estilo de jogo agressivo, enquanto que uma pessoa tímida e acanhada privilegiará, em seus movimentos, a estruturação da defesa ao invés do ataque.

A personalidade do ser é determinada por fatores sociais, econômicos e genéticos. Porém o fator social é o mais explorado destes aspectos. Afirma Karl Marx que não existe indivíduo formado fora das relações sociais (apud COTRIM, 2002, p.111).

A essência humana é o conjunto das relações sociais. Isso significa que a forma como os indivíduos se comportam, agem, sentem e pensam se vincula com a forma como se dão as relações entre os homens. Todavia não há aqui uma realidade social absoluta, que por si só explique tudo o que ocorre, já que os fatores interagem por completo nas ações do homem, independente de sua natureza. Adorno e Horkheimer, por exemplo, denunciam em suas análises a morte da razão crítica, asfixiada pelas relações capitalistas, ou seja, a personalidade não é, absolutamente, determinada pela vontade do indivíduo, e sim apenas um reflexo do sistema no qual este vive. Denúncias semelhantes haviam sido feitas no campo do marxismo, todavia são os filósofos da Escola de Frankfurt que têm por característico a desesperança em relação à possibilidade de transformação da realidade social (COTRIM, 2002, p.127)

No xadrez há a constante superação dos valores da vitória e da derrota, sendo estes são dois extremos com os quais os jogadores estão permanentemente obrigados a conviver. Tais valores provêm da natureza do próprio jogo, ou seja, no xadrez tecnicamente falando ou ganha-se ou perde-se. Vitória é lucro e status, derrota é prejuízo e desprestígio. Neste sentido, o espírito de competição exagerado

pode levar à concentração de todas as energias numa só atividade limitada, negligenciando a evolução homogênea da personalidade. Há, entretanto, a possibilidade de uma emancipação da razão do jogo quando o foco principal não é mais o resultado deste, e sim a beleza do xadrez, a arte, a criação, etc. Seria explorar a dinâmica do xadrez ao invés de valorizar a efêmera glória da vitória. Sobre isto o campeão mundial de xadrez Tigran Petrossian escreveu:

Uma tendência notável no xadrez moderno é a predominância do elemento esportivo sobre o criativo. O fato de hoje em dia o resultado ser mais importante que o conteúdo é nossa infelicidade, uma infelicidade que o público indiscriminadamente aplaude. Eu não posso imaginar que um jogador, genuinamente amante do jogo, possa sentir prazer apenas com o número de pontos marcados, não importa quão impressionante seja o total. (PAIZES, 1974 apud SILVA, 2002).

Esta consideração remete-nos dentre outras coisas ao pensamento materialista de Marx, ou seja, o que o homem constrói, no caso do xadrez o resultado, a vitória e a derrota, os pontos ganhos e perdidos, caracterizam-no como indivíduo.

Segundo MARX o modo de produção da vida material condiciona o processo geral da vida social, política e espiritual, ou seja, por mais que os interesses em uma partida de xadrez sejam estéticos, com vistas à criatividade, à beleza e à arte, haverá sempre uma força coerciva que instigará o indivíduo a buscar a vitória. Isto ocorre pois os preceitos do modelo econômico e ideológico capitalista preconizam a busca do lucro acima de qualquer outra coisa, sendo que as pessoas formadas a partir do senso comum são os potenciais reprodutores destas idéias. (apud COTRIM, 2002, p.112)

Em um nível mais elevado no xadrez os jogadores deixam basicamente a arte da criação e passam a predominantemente reproduzir modelos teóricos. Tais modelos são conhecidos no meio enxadrístico como sendo a teoria do xadrez, e sua credibilidade entre os jogadores mais fortes é extremamente alta, pois se convencionou que os lances teóricos provêm de diversos estudos que foram comprovados ao longo do tempo. Todavia tal teoria não é absoluta e sim alvo de um constante estudo e aperfeiçoamento, apesar da maioria dos jogadores acreditarem que ela é estável e inquestionável.

Aqui valem algumas considerações filosóficas que são pertinentes a este tema. A primeira refere-se a dialética Hegeliana e ao fato da teoria enxadrística enquadrar-se no trinômio construtivista de idéias tese, antítese e síntese, proposto

por Hegel, o qual preconiza que não existe verdade absoluta, tudo é questionável, variando apenas as formas e recorrências da crítica.

A Segunda consideração refere-se a uma aproximação das idéias de Adorno e Horkheimer com a padronização e com a normalização dos costumes e dos pensamentos dos enxadristas, mais precisamente ao senso comum e a acomodação, dois quesitos alvo de uma severa discussão no campo filosófico. Vale ressaltar que os filósofos de Frankfurt citados são mais enfáticos em suas obras ao afirmar que o sendo crítico verdadeiro, aquele dentre outras coisas desprovido de influências impostas pelas forças coercivas e pelos fatores ocultos de dominação, é uma utopia da sociedade moderna, pois os valores e as interdependências nas quais se dão as configurações de personalidade e criticidade estão totalmente corrompidas pelo atual sistema econômico. Ao transportar estas idéias para o xadrez podemos afirmar que isto se dá igualmente quando pensamos que os jogadores se deixam governar pelas ideologias e conceitos expostos por treinadores, pelas tendências constituídas historicamente e pela teoria do próprio jogo de caráter tecnicista. Deste modo ocorre a fragmentação do conhecimento, pois o jogo não é mais encarado globalmente, desconsiderando a importância de todos os fatores que nele influenciam, como a psicologia do jogador, as condições fisiológicas, emocionais, econômicas e etc. Assim podemos afirmar que, essencialmente, a fragmentação ocorre quando o enfoque principal é voltado para a parte técnica.

Não seria difícil afirmar que este processo faz parte da evolução do xadrez, todavia assim como a profissionalização da teoria do jogo busca uma maior excelência no nível técnico dos jogadores, ela está perigosamente contribuindo para a refutação do xadrez enquanto espaço de criação e arte, pois cada vez mais se visa a dogmatizar seqüências pré-definidas de lances, extinguindo possibilidades de novas idéias.

Temos ainda a questão da comparação das peças do xadrez com as classes sociais utilizando-se de um pensamento marxista. Se analisarmos as peças utilizadas no jogo vemos que, historicamente eles evoluíram de acordo com as necessidades dos povos que as utilizavam. Na Índia por exemplo, de onde muitos historiadores acreditam Ter sido criado o xadrez, a torre era substituída pelo elefante, uma peça que representava um típico animal da região. A configuração atual do jogo, entretanto se deu com o modelo feudal ocidental. A última reforma do

xadrez ocorreu em meados do século XVIII. Todavia sabemos que as bases do sistema feudal foram as precursoras da lógica industrial que posteriormente se instalou na Inglaterra, culminando com o atual modelo capitalista. No xadrez atual temos, por ordem hierárquica do mais fraco para o mais forte peões, cavalos e bispos, torres, dama e por fim o rei como peça mais importante. Ao aproximarmos tais peças de nossa atual sociedade podemos inferir que os peões representam o povo. Assim como no xadrez onde eles são em maior número, em nossa sociedade o povo é quem constitui a maior parte dela. Portanto a lógica da “união faz a força” vale igualmente para peões e povo, tanto é verdade que qualquer enxadrista de média força sabe que os peões são as peças determinantes no xadrez pois eles determinam a estrutura do jogo. Os Bispos e Cavalos seriam a classe média alta, ou melhor definindo, aquelas pessoas que têm acesso às classes dominadoras mas que delas necessariamente não fazem parte. As torres seriam correspondentes à classe dos que ocupam cargos de alto escalão. Ministros, juízes, procuradores, etc. Tais pessoas pertencem à chamada classe A. No xadrez a torre tem a denominação de peça pesada, pela excessiva força que exerce tanto na defesa quanto no ataque, sedo que alguns a comparam a um tanque de guerra. Por fim, o rei e a dama são os que de fato dominam a sociedade. Entretanto há aqui uma consideração importante. A dama seria pela sua mobilidade e maior força bruta os verdadeiros dominantes da sociedade, e o rei, pela sua importância mas alta fragilidade seria os pressupostos que norteiam a sociedade.

Segundo MARX, por exemplo, a passagem do feudalismo ao capitalismo ocorreu através das revoluções burguesas. (apud COTRIM, 2002, p. 111). O autor sintetiza essa análise na afirmação de que a luta de classes é o motor da história, isto é, a luta de classes faz a história se mover. Assim, Marx afirma:

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e aprendiz; numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido uma guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta. (apud COTRIM, 2002, p. 111).

O fato é que, no xadrez, assim como na vida real, as peças estão dispostas no tabuleiro interagindo umas com as outras, em uma luta por vezes inacabável, onde as diferentes peças possuem diferentes forças, mobilidade e número.

O que de fato percebi é que o xadrez é um maravilhoso campo para ser explorado quando comparado à vida do homem. Sem dúvida as lutas de classes apresentam-se como o ponto de maior convergência entre o xadrez e a filosofia, entretanto aqui pude apenas fazer uma análise altamente superficial, devido a meu tempo e às precárias condições nas quais me encontrava.

Portanto, creio que especialmente este foco e todos os outros aspectos trabalhados merecem uma análise mais profunda e embasada, pois dela teríamos uma obra importante para o mundo enxadrístico e para a cultura humana em geral.

3. Políticas Públicas Aplicadas ao Xadrez no Paraná:

3.1. Conceituando as políticas públicas aplicadas ao esporte, a educação e ao lazer:

Não há como conceituar o termo políticas públicas aplicadas ao esporte, a educação e ao lazer, sem antes entender o que de fato representa a expressão política pública, utilizada atualmente, ao meu ver, erroneamente como jargão para definir qualquer ação governamental constituída na área social.

Iniciemos a análise significando à palavra política o exercício de alguma forma de poder, com suas variadas conseqüências. Segundo Amaral (2004 p.02):

[...] poderíamos relacionar este exercício a um processo pelo qual um grupo de pessoas cujas opiniões ou interesses são a princípio divergentes, toma decisões coletivas que se tornam regras obrigatórias para o grupo e se executam de comum acordo. Perante esta definição [...] poderemos concluir que, no mundo moderno, o cenário principal deste exercício seja o Estado, já que é a autoridade mais compreensiva que podemos encontrar certamente, a instituição com maior capacidade de influenciar através da persuasão e da negociação, ou de estabelecer mecanismos de tomada de decisão final. Assim, muitos analistas relacionam a definição de política à ação do Estado.

Contudo entender o papel do Estado atualmente é uma atitude complexa, já que esta questão transcende a uma simples análise terminológica, sendo permeada principalmente por detalhes ideológicos e, segundo Gramsci (1976 p.27):

Deste complexo de exigências nem sempre confessadas, nasce a justificação histórica das chamadas tendências corporativas, que se manifestam predominantemente como exaltação do Estado em geral, concebido como algo de absoluto, e como desconfiança e aversão as formas tradicionais do capitalismo. Daí a impressão de que a base político-social do Estado parece repousar sobre a "gente humilde" e os intelectuais, mas na realidade, a sua estrutura permanece plutocrática, o que torna impossível romper as ligações com o grande capital financeiro; além do mais, o próprio Estado passa a ser o grande organismo plutocrático, o holding das grandes massas de poupança dos pequenos capitalistas.

Portanto sendo o Estado constituído, a priori, para organizar a vida em sociedade e definindo o termo público como algo relativo a todos, podemos concluir que políticas públicas referem-se as ações de poder tomadas pelos organismos estatais que atingem todas as pessoas subordinadas ao mesmo.

Todavia, como já alertei anteriormente, nem toda atitude do estado constitui uma política pública. Entendemos uma atitude como política pública quando a mesma configura-se a um plano de ações a curto, longo ou médio prazo, e determina os meios pelos quais uma área ou outra será contemplada por aquele estado.

Posto isto, para entendermos as políticas públicas voltadas ao esporte, ao lazer e a educação de forma fidedigna, vamos primeiro contextualizar o momento político vivido na época em discussão deste trabalho, 1980 a 2004, e os parâmetros que permearam sua constituição. Para esta análise, partindo do fato de que nossos direitos, anseios e deveres atuais são estabelecidos pela constituição de 1988, vamos expor três momentos: a queda do regime militar, o restabelecimento da nova república e o advento do estado neoliberal.

3.2. Breve histórico do período político e econômico entre 1980 e 2004.

O Brasil da década de oitenta é marcado por grande instabilidade social, política e cultural, advinda do regime militar e da crise econômica. Somava-se a isto o fato de que o governo federal, apesar de buscar centralizar a ampla maioria das ações, mostrava-se incapaz de atender e regular todos os quesitos da vida em sociedade, por falta de atitude e também por falta de organização e instrumentos eficazes para isto. Em outras palavras, no início da década de 80, o Brasil vivia em um verdadeiro caos político e social. O governo não tinha mais a mesma força para impor sua autoridade e mascarar os problemas socioeconômicos e a população, mesmo abalada pelas ações repressoras do regime militar, continuava a lutar, vendo-se cada vez mais perto da democracia, apesar de atos de barbárie ainda serem bastante freqüentes. Segundo Teixeira (1995, p.79):

[...] premidos por dificuldades econômicas crescentes e desencantados com o ufanismo autoritário da ditadura, os assalariados urbanos, os profissionais liberais, os camponeses, as mulheres e os moradores das periferias dos grandes centros, passaram a se manifestar com maior intensidade. Organizando-se em torno das oposições sindicais, de movimentos comunitários [...]. Atuando de múltiplas formas e sob diferentes perspectivas ideológicas, constituíram um movimento popular que empurrou para frente e tornou irreversível a abertura democrática.

Todavia a queda do regime militar se deu lentamente e foi algo programado e negociado. A abertura política e democrática culminou com o advento da nova república, a partir de 15 de março de 1985, onde, segundo Teixeira (1995, p.80):

Foi aprovada pelo Congresso Nacional a criação de uma comissão interpartidária para encaminhar o que se chamou de "remoção do entulho autoritário". [...] eliminar leis e decretos arbitrários e retirar da Constituição em vigor os elementos mais expressivos do autoritarismo militar.

Contudo, a situação econômica do país era caótica e, por mais fulgazes os esforços para se restabelecer o Brasil como Estado estável democraticamente e

economicamente, os índices de pobreza e a insatisfação do povo aumentavam descontroladamente.

Surge então, no início dos anos noventa, a partir do plano real, a política do neoliberalismo, ou seja, do estado mínimo, que até hoje consegue estabelecer ao país uma certa ordem econômica às custas de sacrifícios sociais e do aumento das dívidas externa e interna. Sedentos por mudanças o povo começou a reunir-se em movimentos sociais que ganharam força nestes últimos anos, como os sem-terra, os sem-teto e as organizações não governamentais em áreas como o meio ambiente, a saúde e a educação.

3.3. A educação, o esporte e o lazer entre 1980 e 2004.

Os fatores que norteiam as áreas sociais no Brasil têm grande herança dos períodos do império e dos governos populistas de Getúlio Vargas, pois foi este chefe de Estado que estabeleceu grande parte das estruturas legais que regulamentam os direitos sociais em nosso país.

Contextualizando nossa análise na época proposta, determinamos três momentos distintos para se analisar as políticas públicas voltadas ao esporte, ao lazer e a educação: o regime militar em queda, no início dos anos oitenta, a nova república a partir de 1985 e o advento do estado neoliberal, a partir do plano real.

No primeiro momento a ser analisado as políticas públicas eram definidas em consonância com os ditames do estado de formar cidadãos conformados com a realidade. Na educação, segundo Teixeira (1995, p.80):

[...] o regime militar procurou ampliar o sistema escolar, mas à custa da qualidade do ensino. As verbas para a educação foram reduzidas, o ensino público – considerado “de excelência” pelo Banco Mundial nos anos 60 – foi degradado e subsidiou o ensino particular [...] A crise do ensino não poderia ser mais visível: salas de aula sem a mínima condição de uso, prédios em ruínas, alunos desmotivados e mal alimentados, professores despreparados e mal remunerados, altas taxas de repetência e evasão escolar. [...] redução dos investimentos públicos na educação, excesso de centralização e burocracia por parte do Ministério da Educação, interferência de interesses políticos nas decisões administrativas e na aplicação dos recursos, ineficiência dos instrumentos de controle e avaliação dos programas em execução.

Os programas de esporte e lazer resumiam-se basicamente ao incentivo ao futebol nos clubes, nas praças, nas ruas e nas escolas, esporte este que mantinha uma posição privilegiada por ser uma atividade que a população, em sua grandiosa maioria, gozava de apreço. As ações do Estado eram caracterizadas por atos isolados como a promoção de eventos e torneios esportivos. Na área do lazer pode-

se dizer que não existia uma política pública que a regulasse. Cabia ao Ministério da Educação cuidar do esporte e do lazer e, acreditava-se estar alienado, nos simples atos de correr, brincar e jogar proporcionado através das escolas ao povo nas aulas de Educação Física e nas ações isoladas, o papel do Estado oferecer esporte e lazer de qualidade.

Para entender melhor esta concepção de lazer do Estado podemos citar Bramante (1998) quando o mesmo afirma que:

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência, e muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada a oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômicos e influenciados por fatores ambientais (apud RODRIGUES, 2003, p.25).

No segundo momento, caracterizado pela nova república, muita coisa mudou com relação à estrutura das políticas públicas aplicadas ao esporte, lazer e educação no país. Todavia pouco foi feito na prática. Castigado por mais de vinte anos de regime militar, o povo brasileiro se via cercado de problemas nas diversas áreas que corroboram para o desenvolvimento harmônico da sociedade. Questões urgentes como o restabelecimento da liberdade de expressão, a secção da miséria e a melhoria da saúde pública tinham prioridade. Assim, novamente a educação foi estabelecida por uma metodologia quantitativa, isto é, procurava-se atingir o máximo de pessoas, independente dos sacrifícios qualitativos que isto representasse. Neste contexto não só a educação foi prejudicada. O esporte e o lazer, outrora contemplados apenas no ambiente escolar, continuavam a ser negligenciados pelo poder público. Projetos existiam, mas encontravam-se mergulhado em crise social e em corrupções e burocracias que não os deixavam transcender sua própria realidade.

Com a Constituição de 1988, todos os ministérios foram reformados e foi dada ao Ministério da Educação e Cultura a tarefa de qualificar o acesso a educação, aumentando o número de estudantes em todos os níveis de ensino e construindo parâmetros curriculares para aplicar na reforma educacional, já que durante o período militar o sistema educacional brasileiro e junto com ele os professores ficaram estagnados e isolados das novas tendências e informações referentes à melhoria da educação.

Todavia esta constituição, apesar de ser a primeira a contemplar esporte e lazer como elementos indispensáveis para a população brasileira, vê seus anseios serem desprivilegiados quando da crise política que se instala após o primeiro presidente eleito após anos de regime militar assumir o cargo.

Após diversas crises, a partir do início dos anos 90, o país assume acordos unilaterais para tentar escapar dos altos índices de inflação que o assolavam. Neste contexto, uma concepção neoliberal adentra o país, tornando o Estado brasileiro um reprodutor dos anseios do grande capital.

Assim, apoiado pelas novas tendências educacionais de educar o indivíduo de forma integral, a preocupação em oferecer na escola atividades extracurriculares que outrora eram vistas como simples passatempos ou brincadeiras que nada ofereciam na área pedagógica, ganhavam agora importância.

3.4. As políticas públicas aplicadas ao xadrez escolar no Paraná:

A primeira experiência do xadrez escolar no Paraná iniciou-se no Colégio Estadual do Paraná (CEP). Esta iniciativa teve o professor Guido Straube à frente das atividades, sendo que o mesmo editou o primeiro livro de metodologia do xadrez intitulado “Promptuário de Xadrez” em 1928. O livro foi incluído no currículo das Classes Integrais, quando na criação do Clube de Utilidades. O xadrez obteve um bom êxito entre os estudantes e foi observado que os alunos que mais se interessavam no aprendizado passaram a demonstrar uma melhor aptidão na absorção de diversas disciplinas, principalmente as de caráter físico-matemático (TIBUCHESKI, 2003, p.11).

Também a Biblioteca Pública do Paraná (BPP), por volta da década de sessenta, ofertava aos frequentadores atividades diversas como torneios, palestras, aulas e seminários de xadrez, que contavam com grande participação e prestígio. Alias, esta instituição, a BPP, tornou-se um símbolo de formação de grandes talentos enxadrísticos, com a implantação da sala de xadrez, a partir dos anos oitenta, um local de livre acesso a todos cidadãos e que dispunha de todo material necessário para a prática do jogo, além de um instrutor habilitado a ensinar e aprimorar os frequentadores do local.

No início de 1980 a superintendência da FUNDEPAR propôs a alguns de seus técnicos a elaboração de um projeto para implantar o ensino do xadrez nas

escolas públicas do Paraná. Esta proposta vinha ao encontro das metas do Governo Ney Braga, preconizada no documento “Diretrizes Globais – Paraná – 1979/1983” considerando a alta proporção da população em faixa etária – abaixo dos 14 anos, sendo que o documento enfatizava a responsabilidade estatal estendida à constante preocupação com a qualidade de ensino. A proposta buscava viabilizar tecnicamente uma atividade de melhoria de cunho social com o aumento da capacidade intelectual⁹ da população jovem do Paraná (TIBUCHESKI, 2003, p.11).

Para a implantação do projeto, estes técnicos, já levando em conta as múltiplas dificuldades que estariam envolvidas e os poucos conhecimentos que por hora eram disponíveis, consideraram conveniente iniciar uma experiência em menor escala e propuseram um projeto piloto denominado “Projeto Criança”, que iniciaria a difusão do jogo de xadrez no meio educacional em escolas e centros comunitários (TIBUCHESKI, 2003, p.11)

Neste contexto, segundo Tibucheski (2003,p.12):

Os objetivos do projeto eram o desenvolvimento da capacidade intelectual dos jovens escolares, a curto, médio e longo prazo, proporcionando aos mesmos melhores desempenhos nos âmbitos escolar e profissional mediante a melhoria de suas faculdades criativas e de raciocínio lógico-dedutivo, além de destacar jovens enxadristas para a representação do Estado em competições esportivas.

Para embasar pedagogicamente o Projeto Criança, os técnicos¹⁰ responsáveis recorreram aos cursos de Psicologia e Matemática da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que sugeriu orientar o trabalho pelo pensamento pedagógico de Piaget¹¹ (TIBUCHESKI, 2003, p.12).

O projeto piloto consistia, dentre as principais ações: na escolha da escola, na distribuição de tabuleiros e peças, nas atividades promotoras como simultâneas¹², partidas às cegas¹³, torneios relâmpago¹⁴, etc., na explanação e divulgação para a população do curso de xadrez de uma ou duas aulas por semana, na pesquisa e capacitação de algum professor interessado em manter o curso de xadrez na instituição de ensino, nos torneios com premiação em livros e na avaliação de

⁹ Estudos científicos comprovam que a maioria dos benefícios do xadrez na esfera intelectual é específica, ou seja, o jogador melhora sua capacidade de tomada de decisões, mas demonstra isto predominantemente apenas durante o jogo.

¹⁰ Entenda-se como técnicos uma gama de praticantes de xadrez, aficionados e professores que acreditavam na real contribuição do jogo para a educação.

¹¹ Ainda hoje há grande influência dos estudos de Piaget sobre as metodologias utilizadas no ensino do xadrez. Fato disto é que a maioria dos atuais pesquisadores do tema xadrez e educação embasam-se no pesquisador francês para realizar seus estudos.

¹² Modalidade do xadrez na qual um jogador enfrenta vários adversários ao mesmo tempo.

¹³ Modalidade do xadrez na qual o jogador não vê as peças, movimentando-as através de coordenadas.

desempenho do curso a curto, médio e longo prazo. Eram parceiros o Rotary Club, a Secretaria da Educação de Curitiba, a Secretaria Estadual da Educação do Paraná e a Sociedade Educacional Positivo (TIBUCHESKI, 2003, p.12).

Como o Projeto Criança era piloto e tinha o objetivo de estabelecer as bases para um futuro projeto de ensino do xadrez nas escolas públicas do Paraná, ele abrangeu, na sua primeira versão, apenas quatro escolas interessadas: Escola Estadual Domingos Zanlorenzi, Escola Estadual Paulina Pacífico Borsari, Escola Estadual Roberto Langer Junior e Escola Comunitária Professor Joaquim Franco (TIBUCHESKI, 2003, p.13).

Por falta de maiores fontes de referência cada escola gerou uma experiência distinta. Entretanto houve algumas diretrizes básicas: as escolas participaram por livre opção, apesar de ter sido necessário um incentivo da Fundação Educacional do Paraná (FUNDEPAR) para que houvesse interesse por parte das mesmas e, foram escolhidas pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED-PR) as escolas entre as que atendiam a população mais carente da cidade de Curitiba. Cada escola deveria formar uma turma de 20 alunos com um professor responsável e recebeu os materiais necessários para a prática do xadrez da FUNDEPAR. Os instrutores eram da antiga Federação Paranaense de Xadrez¹⁵ (FPX) e os cursos teriam a duração de três meses. Os recursos para a FPX viriam de um convênio com a FUNDEPAR e a clientela a ser atingida era composta de alunos de 3ª e 4ª série (TIBUCHESKI, 2003, p.13).

Após a fase de planejamento, no segundo semestre de 1980 o projeto foi implantado com sucesso, com pequenas variações sobre as diretrizes básicas: as escolas receberam o material, jogos de peças e tabuleiros, e os instrutores, foram estudantes universitários preparados pela FPX em cursos de duração de três meses. O xadrez foi ensinado como um esporte, substituindo a Educação Física, disciplina na grade curricular e como lazer em atividade extraclasse. A previsão era de vinte alunos por escola, mas na Escola Estadual Roberto Langer Junior o interesse foi tão grande que se abriu outra turma, chegando a quase cinquenta alunos. Na Escola Comunitária Professor Joaquim Franco, a turma teria apenas doze alunos (TIBUCHESKI, 2003, p.13).

¹⁴ Modalidade do xadrez na qual os jogadores dispõem, em geral, de 1 a 15 minutos para jogar toda a partida.

¹⁵ A atual federação responsável pelo xadrez no estado é a Federação de Xadrez do Paraná (FEXPAR). A FPX foi parcialmente extinta, em 1996, após disputas internas pelo poder.

Quando no final do ano de 1980 foi feita a primeira avaliação ficou claro que os 102 alunos participantes demonstraram grande interesse na prática do xadrez. O testemunho dos pedagogos e pais envolvidos era positivo. O ponto negativo foi a proibição de alguns pais de que seus filhos assistissem as aulas de xadrez, o que era uma demonstração da dificuldade que a educação não formal enfrentava. A frequência dos alunos chegou a 100% em duas escolas, ficando no geral na média de 95% e o índice de abandono ficou em torno de 4% (TIBUCHESKI, 2003, p.14).

A idéia de dar condições para que o xadrez continuasse nestas escolas vingou apenas em parte. Na Escola Estadual Roberto Zanlorenzi Langer Junior, o xadrez ficou como uma opção para a Educação Física em dias chuvosos quando o professor apenas assistia à aula. Na Escola Comunitária Professor Joaquim Franco um pai de aluno continuou ensinando outras turmas e na Escola Estadual Paulina Borsari o xadrez continuou a ser praticado entre os alunos, porém na Biblioteca Municipal do Guabirota, próxima a escola (TIBUCHESKI, 2003, p.14).

Na época o departamento de Matemática da UFPR se propôs a elaborar uma pesquisa para mensurar os benefícios da prática do xadrez nas matérias curriculares, entre os alunos praticantes de xadrez e aos não praticantes. Essa pesquisa objetivava argumentos sólidos sobre a utilização do xadrez como meio pedagógico e visava determinar as diretrizes pedagógicas do Projeto Criança¹⁶. Para servir de apoio reuniu-se material sobre o ensino do xadrez nas escolas em diversos países e algumas experiências municipais e privadas realizadas no Brasil¹⁷ (TIBUCHESKI, 2003, p.14).

Na segunda fase do projeto criança o número de escolas interessadas aumentou para nove e pela primeira vez participaram escolas de municípios da região metropolitana de Curitiba, como Campo Largo e Piraquara. Esta segunda experiência fluiu de maneira mais natural, e o aproveitamento do material gerado no primeiro ano reduziu os custos, além de uma parceria com a iniciativa privada (TIBUCHESKI, 2003, p.14).

No dia Internacional da Criança, em 12 de outubro de 1981, houve uma simultânea de xadrez na Praça Oswaldo Cruz, que contou com a participação de vários jogadores do Paraná e de 500 escolares. Este evento foi uma promoção do Projeto Criança na comunidade, sendo que buscava motivar os participantes e

¹⁶ Todavia não há registro de algum resultado conclusivo deste estudo, se é que ele foi feito.

¹⁷ Nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e no Distrito Federal.

despertar o interesse em novas escolas. Obteve grande sucesso (TIBUCHESKI, 2003, p.15).

Na avaliação feita no final desta segunda fase do Projeto Criança foi observado que a manutenção do ensino de xadrez nas escolas participantes do Projeto Criança I, ficava, em forma e intensidade, aquém do desejado. Além disto, se os alunos alfabetizados enxadristicamente mantinham-se atuantes, os professores, que faziam o acompanhamento da implantação e deveriam ser responsáveis por continuar o ensino, não se sentiam seguros sobre os seus conhecimentos técnicos em xadrez. Quanto aos instrutores da FPX, alguns tinham atritos com o corpo docente das escolas, e outros não tinham uma vocação pedagógica firme, tendendo a dar uma atenção prioritária aos alunos que tinham mais facilidade no aprendizado. Por outro lado os que se destacavam didaticamente saíam do projeto para atender escolas privadas que ofereciam condições de trabalho superiores e, por fim, alguns pais mantiveram suas desconfianças sobre os eventuais benefícios que o xadrez poderia trazer a seus filhos, mas já em um grau menor do que no ano anterior (TIBUCHESKI, 2003, p.15).

Como reflexo do sucesso do ano anterior, em 1982, uma centena de escolas de toda as regiões do Paraná, pediram para ser incluídas no Projeto Criança III, o que era inviável em função dos pequenos recursos humanos disponíveis. Somente um grande esforço conjunto da SEED-PR, da FUNDEPAR e da FPX, permitiu ampliar o atendimento para 700 alunos de 29 escolas em 11 municípios, o que deixou evidente que o modelo do Projeto Criança, outrora iniciado em Curitiba, não era o ideal para atender a todo o Paraná, principalmente pela falta de instrutores, apoio, chancela e controles adequados. Deste modo o Projeto Criança se extinguiu em sua terceira versão, ao final do ano de 1982 (TIBUCHESKI, 2003, p.15).

Porém o modelo idealizado e os recursos serviriam para que alguns municípios e várias escolas privadas iniciassem o ensino de xadrez por conta própria. Esta iniciativa teve uma grande importância para a manutenção e criação da cultura de praticar o xadrez no meio escolar paranaense, o que facilitaria a reimplantação do projeto de xadrez escolar, após a criação do CEX e conseqüente retomada das ações.

Por outro lado, a pesquisa conduzida pela UFPR não deu resultado conclusivo. Ela apontou apenas indícios de que a prática do xadrez poderia trazer benefícios para os escolares. O fato foi que os alunos das turmas controle acabaram

por praticar o xadrez tanto como os que participavam do projeto porque a imensa mobilidade dos alunos, tanto nas salas testes em que aprendiam xadrez, como nas salas controle, não permitiu resultados significativos. Todavia a imagem que ficou entre os pedagogos e autoridades educacionais que tomaram conhecimento do projeto foi de que o xadrez poderia ser utilizado como instrumento de apoio pedagógico, além da necessidade de formar instrutores de xadrez e a consciência de que este ensino deveria ser ministrado para professores vinculados às escolas participantes do projeto (TIBUCHESKI, 2003, p.16).

No âmbito estadual, ficou, portanto, o período entre 1983 e 1986 marcado por atitudes isoladas, as quais não se constituíam como políticas públicas ou muito menos como ações efetivas, já que eram apenas um reflexo dos pressupostos do Projeto Criança outrora iniciado.

A cidade de Curitiba seguiu um projeto similar por mais dois anos até 1985 e depois resumiu sua prática para as bibliotecas de bairro, o que hoje seriam os faróis do saber e que reuniam as crianças que haviam aprendido o xadrez no Projeto Criança, o qual serviu de referência para diversas experiências similares no Brasil e no exterior, mas lamentavelmente acabou sendo mais copiado do que criticado ou melhorado (TIBUCHESKI, 2003, p.17).

As outras experiências tiveram resultados variados, pois enquanto o ensino do xadrez nas escolas privadas e a prática do xadrez nas bibliotecas municipais de Curitiba tinham sucesso, a tentativa de sensibilizar os responsáveis pela formação dos pedagogos fracassou, pois não apresentaram o xadrez aos futuros professores (TIBUCHESKI, 2003, p.17), ou seja, tinha-se em mente a necessidade de capacitar professores e instrutores para o sucesso do projeto a nível estadual, todavia sem a chancela de um órgão representador os responsáveis pelo projeto viviam a base de promessas que na maioria das vezes extinguíam-se no papel.

Assim, até 1986, o intuito de implantar o projeto a nível estadual, passou para a Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, na pasta do Secretário Estadual Sr. Fernando Ghignone. O Grande Mestre Internacional de Xadrez (GMI) Jaime Sunye Neto viajou estes quatro anos percorrendo os municípios no interior do Estado participando de simultâneas com a comunidade enxadrística e alunos. A proposta era disseminar o xadrez, mudar a imagem do jogo, desmistificando-o como esporte de elite para a população, além de interiorizar o projeto. O GMI Sunye com o prestígio de ser um dos jogadores brasileiros de maior performance a nível mundial,

apesar de domiciliado na Alemanha, sempre que possível participava destas atividades, nestes contatos surgiram inúmeros clubes municipais de xadrez (TIBUCHESKI, 2003, p.17).

Esta atitude do GMI Sunye contribui para motivar a comunidade enxadrística do Paraná, que iniciou uma grande participação em competições para crianças e escolares promovidos pela federação. Assim o xadrez foi se popularizando, sobretudo nos grandes centros, onde os clubes emergentes aumentaram sua influência e angariaram muitos novos sócios.

Outro fato importante foi que neste período ocorreu a municipalização das séries de 1ª a 4ª, o que incentivou a prefeitura de Curitiba a retomar seu projeto de xadrez nas escolas.

Deste modo o xadrez tinha bom apreço no final da década de oitenta, todavia ainda estava muito aquém do que podia alcançar em número de praticantes e faltavam ações eficazes a fim de popularizar o projeto a nível estadual e permitir o amplo acesso a todos cidadãos paranaenses.

Uma medida importante tomada neste sentido foi que, em 1998, foi firmado um convênio entre UFPR e a Confederação Brasileira de Xadrez (CBX), permitindo a organização de quatro cursos de extensão, voltados a professores e profissionais da área educacional, organizados anualmente até 1991, com o objetivo de capacitar professores e sensibilizar a liderança da comunidade desportiva nacional, que até então defendia uma política de priorização das modalidades coletivas de quadra e de restrição às modalidades não olímpicas, como era o caso do xadrez¹⁸. O sucesso destes cursos entre os mais altos dirigentes do desporto nacional alterou a orientação da Secretaria de Desporto do Ministério da Educação e o Conselho Nacional do Desporto, porém os responsáveis, continuaram resistentes a incorporar o ensino do xadrez aos futuros professores de Educação Física (TIBUCHESKI, 2003, p.18).

A partir desta data, os cursos de extensão, aliados a maior atuação das entidades esportivas do xadrez e aos frutos do projeto piloto implantado em Curitiba e parcialmente disseminado ao interior, além da troca da gestão à frente do Estado, foram sólidos argumentos para a FUNDEPAR decidir retomar o projeto de ensino de xadrez nas escolas públicas do Paraná, agora dentro do programa do governo

¹⁸ Desde 2000 o xadrez é reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como esporte olímpico, todavia ainda não é disputado nas Olimpíadas por razões políticas.

intitulado “Projeto de Restauração das Escolas”, enfatizando o sentido de consolidação de atitudes de valor (TIBUCHESKI, 2003, p.19).

Assim, mais fortalecida, e confiante quanto aos resultados obtidos com o xadrez, a FUNDEPAR, órgão que agora respondia pela autonomia do projeto, manteve do Projeto Criança a livre adesão e a autonomia de cada escola em definir, dentro de sua realidade, a maneira de aplicar o xadrez e fez a distribuição do material diretamente às escolas. Entretanto desta vez foram priorizados o treinamento dos professores, o fornecimento do material institucional especialmente elaborado e o estabelecimento de diversos controles. O GMI Jaime Sunye Neto estava novamente à frente do projeto, fortalecido por ser cancelado pela FUNDEPAR e por contar com recursos humanos para as funções administrativas (TIBUCHESKI, 2003, p.19).

Desta forma, em 1992 foram distribuídos questionários para as escolas estaduais para saber de seu interesse em participar do Projeto Xadrez nas Escolas do Paraná (PXEP) e em 1993 iniciou-se a implantação efetiva do PXEP com os cursos de capacitação dos professores, que responderam nos questionários terem afinidade ao ensino do jogo nas escolas e a maciça distribuição de material de xadrez. Um fator importante é que foi desenvolvido um material específico para o ensino do xadrez, oriundo das diversas experiências do GMI Sunye Neto pelo mundo (TIBUCHESKI, 2003, p.19).

A primeira edição do livro “Meu primeiro Livro de Xadrez” de autoria dos professores Wilson da Silva e Augusto Santa Brígida Tirado, ambos fortes jogadores e integrantes da FPX, foi dividida em 3 partes, sendo que ao final de cada módulo, o aluno fazia um teste e assim conquistava o diploma do peão, da torre e do rei, conforme seu nível de conhecimento. O livro foi editado na Imprensa Oficial do Estado, e estes professores foram os responsáveis por todos os cursos de capacitação da FUNDEPAR neste período divididos em dois níveis: xadrez básico e xadrez intermediário. As peças foram desenvolvidas em plástico injetável, além de baratear os custos, não quebravam ao cair no chão. Os tabuleiros foram confeccionados em material de bidim na cor branca e verde, e por serem dobráveis e resistentes facilitavam na hora de guardar quando eram enrolados. Um kit com dez jogos e tabuleiros, dez jogos de livros e um tabuleiro mural foi distribuído para cada professor que freqüentou o curso básico (TIBUCHESKI, 2003, p.19).

Em parceria com a Secretaria de Educação os cursos eram ministrados nos principais núcleos regionais de educação do Paraná.

Concomitante a estas ações, a realização do I Seminário Internacional de Xadrez nas Escolas, em 1993, na capital Curitiba, permitiu um contato com os principais projetos em andamento em todo o mundo, analisando a estrutura, a organização, os objetivos pedagógicos, os custos, etc. Na comparação o PXEP, mesmo sendo menor que projetos similares na Argentina, Cuba e vários países europeus, demonstrou uma atenção pedagógica e uma elaboração institucional maior com um custo menor por aluno. Nesse período o ensino do xadrez começou a entrar no interior do Paraná, sendo que dez núcleos participavam do projeto (TIBUCHESKI, 2003, p.20).

Tabela 02 - Dados sobre o projeto xadrez escolar entre 1993 e 1996.

Ano	Escolas participantes		Nº de Alunos	Fundamental		2º grau	Nº de Professores capacitados	Nº de Municípios atendidos
				1ª a 4ª	5ª a 8ª			
93	243	27,12%	69.257	16,70%	38%	14%	287	88 *
94	243	27,12%	69.257	16,70%				
95	162		44.759					
96	222		86.310					

Nota: Até 94 foram implantados em 10 Núcleos Regionais de Educação.

Fonte: FUNDEPAR

Devido à municipalização do ensino de 1ª a 4ª séries, o PXEP passou a se restringir somente às 5ª e 8ª séries e ao segundo grau, que eram agora o escopo do Estado. Essa mudança ocasionou a redução do número de escolas participantes, a partir de 1995 e, como o projeto vinha trabalhando prioritariamente com alunos da 3ª e 4ª séries modificou-se também a metodologia pedagógica adotada (TIBUCHESKI, 2003, p.21).

Junto a este novo panorama, ocorreu uma reforma administrativa no projeto, mantendo, todavia, o GMI Sunye no comando e os cursos de capacitação aumentaram sua carga horária de dezesseis horas para vinte e quatro horas, sendo o manual didático reeditado em um só volume, o que reduziu os custos e melhorou a performance.

Quanto ao PXEP, as pesquisas e suas análises foram reforçadas permitindo um maior acompanhamento das escolas. Materiais foram retirados das escolas que tiveram seus professores transferidos e suspenderam o ensino do xadrez e recolocados nas escolas que tinham condições de iniciar o ensino. Escolas que tiveram um sucesso maior que o esperado receberam mais material. Isto permitiu aumentar o número de escolas efetivamente participando do projeto, mesmo nos núcleos que tiveram o projeto implantado nos anos anteriores. Colaborando com a Secretária de Educação na promoção do xadrez nos Jogos Escolares, o PEXEP despertou o interesse dos jovens e garantiu um aumento significativo do número de participantes (TIBUCHESKI, 2003, p.21).

Tabela 03 - Avaliação dos cinco núcleos implantados em 1995.

Núcleos	Municípios	Escolas		Alunos		1º grau	2º grau
15	133	385	30,10%	94.189	30,10%	75.35%	24,65%
90% das aulas eram ofertadas dentro da disciplina de Educação Física.							
Capacitados : 287 professores (de 61 municípios)							
Distribuídos : 1940 peças, tabuleiros e livros e 239 murais.							
Projetados: 117.707 alunos de 238 escolas.							
Atuando em 95: 48.993 alunos de 223 escolas.							
Atuando em 96: 79.234 alunos de 231 escolas.							

Fonte: FUNDEPAR

Tabela 04 - Avaliação dos sete núcleos implantados em 1996.

Núcleos	Municípios	Escolas	Alunos
22	66	284	66.228
Capacitados : 291 professores			
Distribuídos : 2086 jogos de peças e tabuleiros e 1881 livros e 251 murais.			
Projetado: 250 escolas.			
Atuando em 96: 66.228 alunos de 284 escolas			

Fonte: FUNDEPAR

Tabela 05 - Avaliação dos oito núcleos implantados em 1997.

Capacitados : 265 - 351 professores de 76 municípios
Distribuídos : 2126 peças e tabuleiros e livros e 231 murais.
Projetados : 221 - 232 escolas.

Fonte: FUNDEPAR

Após 1997, novamente, o PXEP parou, continuando com isoladas ações somente por interesse de alguns professores e não acontecendo nenhum curso de capacitação ou distribuição de material. Algumas escolas continuaram desenvolvendo projetos, sendo várias delas dentro do projeto vale-saber, no qual o professor recebia uma bolsa-auxílio para desenvolver vários tipos de atividades de extensão. Porém como a organização e a orientação ficavam a cargo das instituições de ensino superior de todo o Estado, não se tinha um controle. Neste período também por atitude da nova gestão do governo estadual são cancelados os Jogos Escolares do Paraná, porém a Federação de Xadrez do Paraná (FEXPAR) continua com torneios para os jovens, como também a Prefeitura Municipal de Curitiba (TIBUCHESKI, 2003, p.22).

Entre os anos de 1998 e 1999, o projeto continuou em algumas escolas que continuaram a desenvolver as atividades na sua prática escolar, sendo como conteúdo de Educação Física, como atividade de lazer nos intervalos e nas bibliotecas ou ainda como modalidade contemplada em jogos esportivos (TIBUCHESKI, 2003, p.22).

Neste período o xadrez encontrava-se “hibernando” em todo o Estado. O PXEP havia criado uma demanda muito grande de jogadores de xadrez. Porém com a federação dividida, havia sido criada uma nova federação, e com o fim dos Jogos Escolares, as ações referentes à promoção do jogo, como torneios, seminários, campeonatos, simultâneas, etc., eram isoladas e originavam-se primordialmente dos clubes e dos principais centros. Era necessário retomar o PXEP e fortalecer os órgãos e os meios que o sustentavam.

Desta forma, seguindo a nova estrutura de políticas públicas estadual para o esporte, o GMI Sunye consegue viabilizar a criação do Centro de Excelência de Xadrez (CEX), uma organização não governamental que teria, posteriormente, como objetivos centrais, levar a cabo novamente o PXEP, massificar o ensino e a prática do xadrez através da utilização de novas tecnologias.

Ocorre que entre 1998 e 2001, o CEX teve uma atuação elitista, ou seja, primordiou oferecer cursos avançados a jogadores que tinham um ótimo nível enxadrístico, a fim de aprimorá-los e desenvolveu, além de uma “home page” um servidor virtual de xadrez, no qual os jogadores poderiam disputar partidas via Internet. Estas ações não foram as únicas do CEX neste período, mas foram as principais e que determinaram grande parte das estruturas que seriam utilizadas na massificação do xadrez no Paraná.

Uma vez que poucos eram os resultados do CEX, o órgão procurou aumentar sua atuação e, em 2001, conseguiu firmar convênio com a Secretaria de Estado da Educação (SEED-PR), a qual decide reiniciar o PXEP. Pela primeira vez o projeto teria um órgão próprio, autônomo e responsável exclusivamente pelas suas ações, se bem que dependia estruturalmente de muitos elementos da SEED-PR.

Assim, é montado um novo corpo administrativo e o CEX é deslocado de seu local físico, que era a antiga Universidade do Esporte (UE), hoje Centro de Capacitação Esportiva (CCE), para o prédio do Centro de Excelência em Tecnologia Educacional do Paraná (CETEPAR). A professora Jaqueline Kugler Tibucheski assume a função de gerente administrativa, sendo o GMI Sunye o superintendente geral do CEX.

Estas ações e esta nova estrutura permitem que o PXEP inicie uma nova era, atingindo resultados quantitativos e qualitativos importantes.

Durante o ano de 2001 acontece um processo de aproximação entre o CEX e a SEED-PR, buscado informações nas escolas, através dos Núcleos Regionais de Educação (NRE)¹⁹. Depois de realizado um levantamento das escolas que ainda desenvolviam algum tipo de atividade enxadrística, estima-se que cem escolas desenvolvem algum tipo de atividade (TIBUCHESKI, 2003, p.23).

Como primeiras ações da nova fase do CEX, inicia-se ainda no ano de 2001, os eventos motivadores, sendo criado o I Circuito de Xadrez Escolar de Curitiba, realizado em nove etapas, e contando com milhares de participantes, além de serem realizados dez seminários de capacitação em xadrez básico com quarenta vagas e dez seminários de xadrez intermediário com vinte vagas, atingindo um total de seiscentos professores. A novidade é que os cursos passaram a contar com 50% da

¹⁹ Atualmente o Paraná tem 32 NRE's.

participação via on-line, onde a tecnologia virtual passou a fazer parte da metodologia proposta para as escolas (TIBUCHESKI, 2003, p.23).

Também em 2001 iniciou-se uma nova versão do projeto vale-saber. A coordenação do projeto sai das instituições de ensino superior e passa para SEED-PR. É criado um comitê estadual e em cada NRE criam-se comitês regionais que a cada mês se reúnem em Curitiba para avaliar e monitorar o projeto. O xadrez é incluído entre os vinte e três temas propostos e a coordenação do projeto também integra o comitê como assessoria técnica. Através do vale-saber o xadrez implanta projetos em 115 escolas, sendo que 365 professores passam a receber uma bolsa-auxílio (TIBUCHESKI, 2003, p.24).

Neste momento o CEX estava realizando:

[...] uma conquista praticamente corpo a corpo, buscando fortalecer as escolas através da sensibilização das equipes dos núcleos regionais, os projetos são fortalecidos pelos cursos além do apoio realizados pela equipe dos CEX Regionais em algumas cidades como Londrina, Maringá, Cascavel, Campo Mourão, Telêmaco Borba, Francisco Beltrão e Pato Branco. Em dezembro realizou-se a premiação dos 30 melhores projetos vale-saber do Estado, um deles foi o de xadrez, da cidade de Coronel Vivida, do Colégio Estadual Arnaldo Bursato (TIBUCHESKI, 2003, p.24).

Coroando o ótimo ano de 2001, é realizado, em dezembro, no Centro de Capacitação de Faxinais do Céu (CCFC), o I Seminário Estadual de Xadrez Escolar, contando com quatrocentos participantes, entre alunos e professores, sendo um fato inédito até então, pois o CCFC era um local destinado somente para a capacitação dos professores. Na oportunidade foram oferecidas oficinas de técnicas de xadrez para alunos, cursos de metodologias e leis do xadrez aos professores, ministrados pela equipe do CEX, da FEXPAR e por convidados como o secretário geral da Federação Internacional de Xadrez (FIDE) e grande estudioso do xadrez escolar, o venezuelano Uvêncio Blanco (TIBUCHESKI, 2003, p.24).

No ano de 2002, com a participação constante da coordenação do CEX no comitê estadual do projeto vale-saber, o tema xadrez tem seu número de vagas aumentado para quinhentos bolsistas. Porém a procura é tanta que ao final o número de professores trabalhando com xadrez chega a 1.430 (TIBUCHESKI, 2003, p.25).

Neste mesmo ano o CEX mantém o Circuito Curitibano de Xadrez Escolar, cria o I Circuito de Xadrez Escolar do Paraná e realiza o II Seminário de Xadrez Escolar. Além disto os cursos de capacitação básico e intermediário continuam, sendo realizados vinte ao longo do ano. O número de alunos, professores e

pessoas da comunidade atingidas pelo PXEP aumenta consideravelmente, definitivamente popularizando o xadrez no meio escolar paranaense.

Na nova reestruturação da SEED-PR, em 2003, fruto da mudança de gestão estadual, o projeto continua, compondo agora o CEX a Coordenação das Atividades Complementares, tendo como nome de frente a Divisão dos Jogos Educativos. Nesta divisão hierárquica o novo órgão passa a ser ligado diretamente a superintendência de ensino (TIBUCHESKI, 2003, p.26).

O novo governo retoma os Jogos Escolares do Paraná, agora com o nome de Jogos Colegiais do Paraná (JOCOPS) e o CEX é o responsável pela realização das fases regionais. Por questões políticas a fase final é realizada pelo grupo da antiga FPX. O xadrez passa a integrar a competição, junto com o vôlei, o basquete, o handebol, o futsal, o futebol de campo e o atletismo. A coordenação dos jogos ocorre em parceria da SEED-PR e da Paraná Esportes.

Dentre as atividades de capacitação em 2003, são realizados três eventos regionais e dois centralizados no CCFC.

Abaixo a tabela 06 demonstra os principais eventos do CEX em 2003.

Tabela 06 – Eventos realizados em 2003 pelo CEX.

Data	Evento	Participantes
6 a 10 de agosto	1ª Clínica de Xadrez Escolar Francisco Beltrão	150
14 a 18 de agosto	2ª Clínica de Xadrez Escolar Curitiba	150
28 a 31 de outubro	Xadrez: Uma ferramenta multidisciplinar Faxinaí do Céu	800
24 a 28 de novembro	3ª Clínica de Xadrez Escolar Faxinaí do Céu	600
15 a 18 de dezembro	4ª Clínica de Xadrez Escolar Praia de Leste	100

FONTE: CENTRO DE EXCELÊNCIA DE XADREZ

Paralelamente a estes eventos o CEX continua a organizar, junto com a FEXPAR, o Circuito Curitibano de Xadrez Escolar e o Circuito de Xadrez Escolar do Paraná.

O número de praticantes de xadrez cresce consideravelmente e a FEXPAR, fortalecido por uma maior demanda transforma-se em uma das federações mais atuantes do país, mesmo estando em litígio com a CBX e com a administração da antiga federação, a FPX.

O CEX sofre uma grande mudança administrativa após 2003, com a saída da gerente administrativa Jaqueline Kugler Tibucheski e com a mudança política ocorrida na própria SEED-PR. Este novo panorama traz benefícios, como a ampliação do foco de atuação do CEX, que prepara o projeto para ser implantado a nível nacional e muitos prejuízos, como o quase fim dos cursos de capacitação e dos projetos vale-saber. O fato de agora se chamar “Divisão de Jogos Educativos” também é bastante interessante na medida que o próprio Estado parece ter percebido que o xadrez tornou-se uma atividade maçante em algumas escolas sem uma possibilidade de desenvolvimento além do que se encontra atualmente.

Em 2004 o CEX parece estar se reorganizando administrativamente. Poucos eventos foram realizados, e o Circuito de Xadrez Escolar do Paraná foi extinto. Há uma idéia de iniciar o estabelecimento do xadrez nas escolas no contra-turno, como opção aos alunos.

O GMI Sunye, que coordena o projeto, está empenhado em estabelecer o xadrez nas escolas de todo o país, através de projeto a nível nacional. Isto cria uma sobrecarga no CEX que, afetado pelas novas alterações, este ano apenas mantém suas atividades básicas sem maiores projeções para o futuro próximo. Entretanto, vale ressaltar que dois grandes seminários foram realizados. Um em Francisco Beltrão e outro no CCFC.

3.5. O Projeto de xadrez escolar do Paraná é implantado a nível nacional:

Em 2003, o intuito de realizar um projeto de xadrez escolar a nível nacional ganha força, sendo os responsáveis pelo projeto paranaense chamados pelo ministro da educação e pelo ministro do esporte para dialogar.

Destes contatos, dos responsáveis pelo Projeto de Xadrez Escolar do Paraná (PXEP) com os ministérios responsáveis pelas políticas públicas sociais esportivas e educacionais, nascem várias idéias, sendo uma delas a de implantar um projeto específico para o xadrez escolar a nível nacional, tendo novamente o GMI Sunye à

frente das negociações. Após algumas conversas fica decidido que o projeto a nível nacional será implantado a partir do modelo utilizado no PXEP.

Assim, na fase inicial de implantação, no plano piloto, Recife é a capital escolhida para o lançamento do projeto, tendo quarenta professores capacitados. O projeto é previsto para ser implantado em mais quatro capitais do país ainda em 2004, sendo elas Rio Branco, Teresina, Belo Horizonte e Fortaleza.

Porém, em busca de rápidas ações que reforcem a idéia de atuação do governo federal no âmbito social, e tendo o esporte como área correlata, os responsáveis pelo ministério viabilizam o xadrez contribuir com o já estabelecido projeto nacional Segundo Tempo²⁰, colocando a disposição toda a experiência do PXEP desenvolvido desde 1980. Deste modo, o xadrez no Projeto Segundo Tempo é levado a cabo rapidamente. Várias modalidades são contempladas e diversos alunos, professores e colaboradores já são atingidos pela nova política pública dos ministérios da educação e do esporte. Toda a assessoria técnica das modalidades esportivas contempladas no Projeto Segundo Tempo ficam a cargo da Universidade de Brasília, exceto no caso do xadrez, esporte pelo qual ficam responsáveis a SEED-PR, o CEX e a UFPR, através do desenvolvimento da tecnologia eletrônica necessária para o projeto.

Atualmente o projeto a nível nacional encontra-se na fase de avaliação. Conforme pesquisa do próprio governo federal nas instituições em que o projeto piloto foi aplicado, o índice de aprovação foi ótimo.

Desta forma, já está aprovada a extensão do projeto a todas unidades da federação, fato que ocorrerá a partir do ano de 2005.

²⁰ Este projeto visa oferecer atividades esportivas aos alunos em horários especiais, através do engajamento de professores de Educação Física e do oferecimento de bolsas auxílio.

4. Discutindo as Políticas Públicas Aplicadas ao Xadrez Escolar no Paraná:

Ao analisar estas políticas públicas, que estabeleceram as ações do PXEP, podemos afirmar que o mesmo obteve parcial sucesso, pois hoje, segundo o CEX, órgão responsável pela difusão do jogo em todo o estado, o xadrez atinge quase que a totalidade das escolas estaduais, criando um contingente de jogadores participantes nunca antes visto e uma mobilização muito grande quanto a torneios e eventos relativos ao xadrez. Porém somente estas constatações não serviriam para dizer que o projeto obteve pleno sucesso, quanto a isto, alguns pontos importantes de análise devem ser considerados:

a) o projeto já possui quase 25 anos e os resultados começaram a aparecer somente nos últimos cinco anos. Ocorre que somente na primeira gestão do governador Jaime Lerner, com a criação do Centro de Excelência de Xadrez o projeto realmente andou. O Centro de Excelência de Xadrez, que fora criado inicialmente para buscar novos talentos enxadrísticos nas escolas e levá-los para um treinamento mais específico e técnico na antiga Universidade do Esporte, hoje Centro de Capacitação Esportiva, transformou-se no responsável pela massificação e popularização do Xadrez escolar. Nos anos anteriores do projeto, as ações estiveram muito mais focadas em cursos de capacitação para professores da rede pública de ensino, sobretudo da rede municipal e estadual da cidade de Curitiba, onde teoricamente ocorreu o projeto piloto sob o nome de projeto criança, durante a década de oitenta. Entre 1980 e 1998 as principais ações do projeto foram à distribuição dos kits²¹ para as escolas e os cursos básicos para professores, ou seja, poucas iniciativas para quem ambicionava massificar o xadrez no estado do Paraná. Este falta de ação e planejamento pode ter sido causada por dois fatores: primeiro até a criação dos Centros de Excelência não havia órgão de apoio ou reconhecimento para executar o projeto a nível estadual. Segundo, pode ter havido simplesmente um erro de planejamento ou execução do projeto por parte de seus responsáveis, o que o levou a ficar durante mais de quinze anos perambulando as margens de recursos e ações efetivas;

b) o projeto utilizou basicamente os professores de Educação Física para a implantação do xadrez escolar. Creio que isto se deve a afinidade deste educador

²¹ Cada escola participante do projeto recebia um kit com 20 jogos de peças, 20 tabuleiros e 1 tabuleiro mural, além da capacidade de capacitar um professor para o ensino de Xadrez.

com o conteúdo, já que ele não deixa de ser um esporte. Porém poderia ser realizada, antes da execução desta utilização do professor de Educação Física, uma pesquisa com os mesmos buscando entender melhor seu universo, seus anseios e sua idéia geral sobre o xadrez e sobre outros jogos intelectivos;

c) apesar de existirem muitos materiais de apoio didático e prático, o projeto tem carência em administrar seus recursos, uma vez que a popularização destes materiais se deu indiscriminadamente, sem um planejamento adequado e sem um controle qualitativo suficiente. Pode-se dizer que muitas ações foram realizadas sem o devido planejamento. Por exemplo, vemos em muitas apostilas do Centro de Excelência de Xadrez a falta de uma apresentação inicial e falha de montagem e programação. Não houve um controle de qualidade quanto ao que se estava sendo distribuído. Como idealizador e supervisor do projeto, vi muitas vezes o GM Jaime Sunye Neto comentar sobre as apostilas, preocupado com sua qualidade técnica e visual, todavia não era esta uma tarefa prioritária na execução de um evento;

d) o local de alocação do projeto não esteve bem definido, ora na secretaria de educação, ora na secretaria de esporte e lazer, o que cria uma crise de identidade e uma grande barreira para seu crescimento e estabelecimento em bases fixas. É certo que esta alocação depende de fatores políticos e de recursos, variando conforme a gestão frente ao Estado, entretanto, fica difícil estabelecer uma política pública para o xadrez sem um local base de atuação. Este local passou a existir somente com a criação do centro de excelência de xadrez, ou seja, até então, durante $\frac{3}{4}$ do projeto, ele foi alocado conforme os recursos apareciam, o que nos deixa concluir que estava “vivendo de favores” e correndo atrás das “migalhas” da hegemonia dominante.

e) o projeto esteve focado apenas no xadrez, tendo sua justificativa embasada em uma idéia pobre e positivista através de comparações frágeis, fato este que pode levar a uma crise por falta de motivação e de novos objetivos a serem seguidos. Este ponto é a maior ameaça atual ao projeto e creio que os próprios coordenadores do Centro de Excelência de xadrez o tenham reconhecido, uma vez que o nome atual do órgão é Divisão de Jogos Educativos, criada a cerca de dois anos e já admitindo a necessidade de expandir as atividades contempladas nas escolas, indo além do xadrez. No entanto até agora nada neste sentido foi feito.

f) os reais objetivos do projeto nunca ficaram claros. Sabia-se que era necessário massificar o xadrez, mas não se sabia até quando e como. Uma vez que

o xadrez adentrou o ambiente escolar seu ciclo natural era além de massificar sua prática entre os alunos, a criação de torneios para os mesmos a fim de motivá-los em sua prática esportiva e o estabelecimento de centros de treinamento superior para os alunos que se destacassem. O projeto atendeu até este ponto, todavia com brigas na esfera do alto-rendimento do xadrez, e com uma federação e confederação pouco preparadas para a absorção do novo contingente infanto-juvenil que se criava, muitos alunos foram desestimulados a continuar sua prática enxadrística. Porém a Federação de Xadrez do Paraná, a FEXPAR, foi uma das que melhor se adaptou a esta nova realidade, mas ainda sem entender o que de fato era necessário ser feito e sem o ideal apoio do Estado.

g) o fato do material de xadrez ser de fácil acesso, barato e durável, contribuiu muito para sua permanência e interesse no âmbito escolar. Ao passo que outras atividades requerem um investimento em material maior, o xadrez levou vantagem neste sentido, ajudado pelo próprio sucateamento da rede pública de ensino. Uma vez sem os materiais necessários para o ensino de conteúdos tradicionais da Educação Física, como bolas de vôlei, futebol, basquete e handebol, o professor viu no xadrez uma atividade que além de possuir o material ajudava-o a vencer o paradigma de que as aulas de Educação Física deveriam estabelecer exclusivamente a prática física.

h) falta para a Secretaria de Educação um melhor diálogo e uma melhor intervenção junto ao Centro de Excelência de Xadrez e a Divisão de Jogos Educativos, no sentido de apontar quais os reais objetivos do projeto aos alunos que dele participam. Este ponto remete ainda a fase de avaliação do projeto, que ocorreu ao meu ver mais por conveniência do que por necessidade. A verdadeira avaliação, até o momento, se deu muito mais por estudos de pessoas ligadas ao projeto, do que por iniciativa própria do CEX. As avaliações realizadas pelo CEX são quase que totalmente quantitativas, ou seja, o órgão busca perceber não sua qualidade, mas sim sua capacidade de a cada ano aumentar o número de pessoas atingidas com o projeto, conforme os próprios relatórios do CEX nos demonstram. Uma avaliação interna e externa deveria ser realizada, enfatizando, sobretudo, os aspectos qualitativos como o acesso às atividades, o nível de conhecimento dos professores, o conhecimento e a discussão dos rumos e das ações do projeto, através de fóruns ou de seminários, etc. Por outro lado a própria SEED poderia mediar a avaliação externa, através de instrumentos como questionários, entrevistas, fóruns e

seminários. O importante nesta avaliação seria buscar a opinião dos professores e alunos, alvos do projeto e relaciona-las as ações dos órgãos responsáveis pelo mesmo;

i) grande parte das conquistas do projeto de xadrez deram-se não somente pelo reconhecimento dos benefícios do jogo por parte dos responsáveis, como os secretários de estado e os governadores do estado, mas também pela amizade e respeito às pessoas que conduzem o PXEP, como o GM Jaime Sunye Neto. Isto reforça a idéia de que outras atividades podem ter sido negligenciadas ao xadrez e que os círculos de poder tendem a se manter uniformes, através de concessões por afinidade pessoal e por interesses mútuos.

O CEX é hoje vinculado à Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED), sendo que desenvolve suas atividades de capacitação através dos núcleos de educação, que são ao todo 32 em nosso estado. As atividades competitivas ocorrem em parceria com a Paraná Esportes, mas este diálogo é ainda conturbado por antigas rixas ocorridas na Federação de Xadrez. Esta estrutura nos permite perceber que o xadrez está embasado em políticas públicas no âmbito da educação e do esporte. A área do lazer não possui nenhuma ação específica, pois supõe-se que ela seja contemplada naturalmente, na escola e nas competições e eventos.

Estas políticas públicas só obtiveram sucesso depois da criação de um órgão responsável pelo projeto xadrez nas escolas do Paraná por 3 motivos:

a) Um órgão formal tem maior acesso a recursos e maior credibilidade nas ações, perante o próprio governo;

b) O estabelecimento de um órgão formal para realização do projeto já preconiza a continuidade, um dos maiores problemas até então, pois o projeto desenvolvia ações sem conexão umas das outras;

c) Um órgão formal pode mais facilmente avaliar e qualificar o acesso ao projeto, uma vez que este é sua responsabilidade quase que exclusiva.

Como pontos positivos deste projeto, creio que o CEX atua de forma solidária a educação paranaense, pois conseguiu nestes últimos anos facilitar o acesso ao xadrez e aos conteúdos didáticos, mesmo sendo eles extremamente positivistas. Outro fator importante foi a popularização que levou o xadrez a se tornar um dos esportes mais praticados em nosso estado, se bem que devido a colonização européia e eslava, o povo paranaense já possuía uma tendência notável ao enquadramento do xadrez como atividade recreativa nos lares e escolas.

5. Considerações Finais:

Neste momento sinto um grande orgulho em poder dizer que o conteúdo abordado nesta monografia foi algo totalmente de meu gosto e do qual tenho grande conhecimento. Creio que a estrutura que montei possa parecer a princípio um pouco confusa, pois não haveria por que falar sobre a lenda e a história do xadrez em uma monografia que tem critérios e responsabilidades políticas muito mais latentes. Contudo coloquei estes capítulos, pois entendo que estes assuntos podem embasar o leitor mais leigo a entender a complexidade do xadrez e das suas interações na sociedade.

Creio que o projeto de xadrez escolar, implantado no Estado do Paraná a partir do ano de 1980 foi uma iniciativa muito boa por parte de seus responsáveis. Entretanto como política pública o projeto deixa um pouco a desejar, uma vez que sua área de atuação é restrita, sendo contempladas apenas as escolas estaduais, o que não diminui sua importância, uma vez que é nesta esfera que se concentram a maioria dos alunos de nosso estado.

Estudando as ações do projeto, pude perceber que as maiorias das atividades se concentram nos últimos anos, após a criação do CEX. Isto reforça a idéia de que um projeto só pode ser levado a cabo embasado em bases fortes e flexíveis, pois antes sem um órgão representador o projeto de xadrez foi um entrelaçado de atitudes isoladas de prefeituras, governos e secretarias.

A criação do centro de Excelência de Xadrez deixou muito ainda desejar. O órgão pela sua importância e acesso, poderia exercer um papel muito mais importante na história do povo e da educação paranaense. Acredito que algumas ações o levaram a se estabelecer da forma como é hoje, centrado em resultados quantitativos sem perceber que poderia ser a base para a implantação de um verdadeiro arsenal de atividades intelectivas e educativas no ambiente escolar. Porém respeito em muito a atuação do CEX, pois como falei foi só a partir dele que as coisas começaram a acontecer.

Antes do CEX, como já falei anteriormente, o projeto de xadrez escolar se dava por atitudes isoladas, ou seja, não havia um planejamento nem mesmo objetivos preconizados, as ações tinham um fim específico em si mesmas e os investimentos se perdiam pela ineficiência dos projetos e pela falta de continuidade.

Os projetos anteriormente implantados, como os projetos crianças da prefeitura de Curitiba, foram pioneiros na criação de uma cultura enxadrística na sociedade paranaense, porém se constituíram como ações únicas tanto nas idéias quanto na execução.

Por fim, acredito que o futuro do projeto de xadrez escolar do Paraná está no fortalecimento do CEX e da FEXPAR.

O CEX deve redefinir suas metas e objetivos, através de um minucioso planejamento, que vise não só a implantação do xadrez, mas também de outros jogos educativos no âmbito escolar. Segundo Bracht (2001, p.77) “a atual hegemonia do conhecimento científico na escola precisa ser flexibilizada para permitir que outros saberes se legitimem. Somente na medida em que se reconhecem como legítimos outros saberes que não os de caráter conceitual ou intelectual é que temos uma chance de nos afirmarmos no currículo escolar” (apud RINALDI, 2003, p.167).

Além disto, o fato de instituir avaliações corriqueiras internas e externas e sua utilização ajudaria bastante. O CEX necessita restabelecer através do diálogo sua posição perante a Secretaria de Educação do estado e procurar apoio nas secretarias referentes ao esporte e lazer, pois também é papel destas a promoção social. Esta mudança se daria principalmente pela mudança de ideologia, hoje positivista e quantitativa, para uma ideologia qualitativa, procurando entender os processos e os principais alvos de todo o projeto, alunos e professores.

Já o fortalecimento da FEXPAR se daria para ajudar na absorção deste contingente de alunos jogadores infanto-juvenis, criado pela implantação do xadrez escolar. A FEXPAR é hoje incapaz de atender a todo o Estado, se bem que um ponto positivo é que seu diálogo com o CEX é muito bom e muito próximo, uma vez que muitas pessoas são comuns à organização dos dois órgãos.

Assim, acredito que o projeto de xadrez nas escolas do Paraná constitui-se como uma política publica, hoje embasada na área da educação, mas com atuações significativas na área esportiva e na área do lazer. O projeto tem um futuro brilhante, ainda mais com sua implantação a nível nacional, todavia há que se qualificar as ações e materiais didáticos, estabelecer um processo de avaliação permanente e diversificar as atividades, não contemplando apenas o xadrez e sim toda uma gama de jogos de mesmo teor, que além de mais motivante oferecem outros níveis de desafios no processo de ensino aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

- AMARAL, Silvana. **O que é política pública**. Referência da Internet, 2004.
- BECKER, Idel. **Manual de xadrez**. 5.ed. São Paulo: Ed. Nobel, 1978.
- CALDEIRA, Anna. **A formação de professores de educação física: quais saberes e quais habilidades?** Revista Brasileira Ciências do Esporte, v.22, n.3, 2001.
- COTRIM, Gilberto. **Introdução a filosofia: história e grandes temas**. 15. Ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968.
- LASKER, Edward. **A aventura do xadrez**. 3ª.Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1950.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. LEI 9394/1996.
- MELÃO JUNIOR, H. **Tributo à deusa Caíssa**. Disponível em <www.terraviva.pt/enseada/2502/tributo2.htm> - acessado em 02/11/2003, 1998.
- MOLINA, Rosane. **O Pensamento dos professores de educação física sobre a formação permanente no contexto da escola cidadã: um estudo preliminar**. Revista Brasileira Ciências do Esporte, v.22, n.3, 2001.
- RODRIGUES, Elcie H. C.. **O espaço na construção de uma política de lazer – estudando Sorocaba/SP**. Revista Brasileira Ciências do Esporte, v.24, n.3, 2003.
- TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio, **Acerca da problemática da educação física: Um diálogo com a produção teórica de Theodor W. Adorno**. Revista Discurso 10, 2001.
- TEIXEIRA, J. **História contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- TIBUCHESKI, Jaqueline Kugler. **A Historiografia do projeto de xadrez escolar no Paraná: entre 1980 e 2003**. Curitiba, 2003.

TIRADO, Augusto S.; SILVA, Wilson da. **Meu primeiro livro de xadrez: curso para escolares**. Curitiba: Ed. Gráfica Expoente, 1995.

SILVA, Wilson da. **XADREZ: Uma ferramenta multidisciplinar**. Curitiba: Centro de Capacitação de Faxinal do Céu – Divisão de Jogos Educativos, 2003.

_____. **Apostilas de xadrez básico, intermediário e avançado**. Curitiba: SEED-PR, Centro de Excelência de Xadrez, 2002.